

Catherine de Hueck Doherty

UNIÃO NA FRATERNIDADE
SOBORNOST

Espiritualidade oriental
para os cristãos do Ocidente

Título original: *Sobornost*
Eastern Unity of Mind and Heart for Western Man
Catherine de Hueck Doherty
(antes de casar-se: Kolyschkine)
Ave Maria Press, Notre Dame, Indiana, USA
1977

União na Fraternidade
Espiritualidade oriental para os cristãos do Ocidente
Edições Paulinas, São Paulo, SP, Brasil
1981

Tradução: Héber Salvador de Lima, S.J.

Madonna House Publications
2888 Dafoe Rd. RR2
Combermere, Ontário, K0J 1L0
Canadá

www.madonnahouse.org
www.catherinedoherty.org
<http://writings.catherinedoherty.org>

ÍNDICE

Prefácio À Edição Brasileira	4
Introdução: Sobornost, Mistério De União	6
1. Uma Palavra Nova	7
2. Começou No Pentecostes	11
3. Mente E Coração Numa Só Unidade	15
4. Unidos Pelo Fogo	20
5. Troca De Corações	24
6. O "Sim" De Uma Moca, Em Nazaré	30
7. Trindade: Fogo, Chama, Movimento	38
8. Uma Nova Criação	44
Viagem Interior (poema)	48
9. Peregrinação Interior	58
10. No Estagio Da Contemplação	65
11. Corrente De Corações	72
12. Unidade Na Eucaristia	77
13. Servir Em Cristo	82
14. O Pequeno Mandato	91
15. Obstáculos A União	106
16. Nós Temos Um Pai	114

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Mais um livro de Catarina de Hueck, "a baronesa"— traduzido para o português. Desta vez com um título um tanto estranho, à primeira vista. Mas somente à primeira vista. Quem leu Evangelho sem *restrições*, já teve algum contato com a palavra russa *sobornost*. Quem não leu ainda, não se surpreenda. *Sobornost* quer dizer união, unidade... mas é muito mais que tudo isso: seu significado original é tão profundo, que é quase intraduzível nas línguas modernas. Mesmo assim, é a palavra ideal para encabeçar um livro que trata de união e unidade entre cristãos: dos homens com Deus e de Deus com os homens.

Para facilitar ao leitor a assimilação do sentido e do conteúdo da obra, eu nunca deixei a palavra *sobornost* sozinha, isolada, mas sempre acompanhada da palavra união, unidade. O leitor verá que, depois de algumas páginas, já estará familiarizado com o espírito do texto e *sobornost* lhe soará como palavra nossa.

O capítulo 14 deste livro é sobremaneira relevante, porque dá um pouco da história pessoal de Catarina, da baronesa, como eu costumo chamá-la e como a apresentei pela primeira vez aos leitores brasileiros no meu livro: "Apresento-lhes a Baronesa". No capítulo 14, ela conta como surgiu a maravilhosa obra de Apostolado Leigo que é Madonna House, em Combermere, Canadá.

Catarina, ao lado de Chiara Lubich e Madre Teresa de Calcutá, formam hoje um belo trinômio de "mulheres que não se calam na Igreja".

Decididamente, o Espírito Santo não é apanágio masculino e nunca foi privilégio exclusivo dos homens. Oxalá as mulheres de todo o mundo, no caso me refiro especialmente às brasileiras, que andam por aí tão atarantadas com o movimento internacional de libertação feminina, entrassem em contato, por limitado que fosse, com alguma destas três mulheres: Catarina, Chiara e Teresa de Calcutá. Compreenderiam, então, o sentido da verdadeira libertação que só se encontra dentro das perspectivas do evangelho de Cristo. Só Jesus Cristo consegue dar à mulher sua verdadeira dimensão, sua liberdade e seu lugar definitivo na história: na história dos homens e na história de Deus.

Foi com este desejo em mente que aceitei o trabalho de traduzir a obra de Catarina de Hueck, a inesquecível baronesa.

O Tradutor
Pé. Héber Salvador de Lima, sj
Goiânia, fevereiro de 1979

INTRODUÇÃO: SOBORNOST, mistério de união

Uma palavra estranha
num mundo estranho...
Mas, como um fio dourado,
ela entra e faz parte
da trama e do enredo
dos eternos sonhos humanos.

Ele veio até nós,
para transformar os sonhos em realidade.
Ele morreu para torná-los
palpáveis e tangíveis,
ao alcance de todos,
bastando estender as mãos
para alcançá-los.

Ele fez a promessa:
todos quantos nele crêem
serão seu corpo, e ele será
a cabeça de todos,
unindo, assim, homem e Deus
numa união indescritível
que só pode ser fruto do Amor.

Nasceu *Sobornost*, a união
e, então,
quando ele venceu a morte,
selou a vitória
com sua Ressurreição.

1. UMA PALAVRA NOVA

Sim, uma palavra nova pede licença para apresentar-se. Muitos são os vocábulos importados pela língua portuguesa: *chance*, do francês; *alfaiate*, do árabe e *bife*, do inglês. Por que não mais um neologismo, vindo das estepes russas? Pois aí está *sobomost*, palavra cheia de ressonância cristã, de união, unidade, comunhão, comunidade.

Quando lancei o livro *Poustinia*, meus editores canadenses reagiram e não queriam aceitar esta palavra russa como título. Ela causaria espanto às pessoas por ser desconhecida e, mais ainda, porque significa deserto, solidão. Eu, porém, fiquei inabalável. Tinha de ser *Poustinia* ou nada. A Rússia é parte de minha vida, parte da minha alma e *Poustinia* é parte da minha herança cristã recebida na Rússia. Meus editores acabaram cedendo e o livro foi publicado. Seu título tornou-se, pelo menos entre os cristãos, uma palavra mais ou menos familiar. Agora vem *Sobornost*. Outra palavra nova. Outra palavra russa. Ela não quer forçar a porta no Brasil. Humildemente pede licença para entrar.

Ao pé da letra, *sobomost* (pronuncia-se sobôrnost) significa união. Uma publicação vinda da Inglaterra, dedicada a assuntos de unidade e união, leva o título de *Sobornost*, e com muita propriedade, porque se trata de uma revista que promove a união entre todas as denominações religiosas. Em russo, porém, a palavra tem uma conotação mais profunda e mais ampla do que simplesmente de união.

Pode-se afirmar que a palavra *equipe* é símbolo de unidade no Ocidente. Ela indica um grupo de pessoas

que decidiram aceitar e seguir certas regras de jogo ou de trabalho e, enquanto assim procedem, permanecem estreitamente unidas, e esta união é a garantia do seu jogo ou do seu trabalho. As pessoas podem estar unidas por diversos ideais, sejam eles econômicos ou políticos. A palavra *sobornost*, entretanto, vai mais longe e atinge uma profundidade maior que tudo isso. Significa uma união e uma unidade que passou pelo evangelho como elemento unificador, à semelhança daquelas máquinas que trançam muitos fios formando uma só peça de tecido.

Os russos usam esta palavra quando querem designar uma *reunião* de vital importância em que houve perfeita *participação*, e as decisões foram tomadas em perfeita *consonância* de todos os presentes, retratando, portanto, uma *unidade* de ideais e sentimentos.

Por mais verdadeiro que tudo isto seja, continua sendo difícil atingir a imensa profundidade de mente, alma e coração contida nesta palavra russa. Ela significa, no domínio da religião, a *unidade absoluta* dos cristãos, quando esta existe. Eles pensam da mesma forma, rezam do mesmo modo. Eles são semelhantes uns aos outros. Quando alguém se aproxima a um grupo assim unido, tem a impressão de se deparar com uma ícone de Cristo, uma imagem viva de Deus; cada face é um traço desta imagem, e o resultado é uma unidade que produz vibração nas almas e nas mentes, como se fora um terremoto.

Existem seitas religiosas que parecem possuir esse tipo de unidade, mesmo sendo consideradas

heréticas pela maioria dos cristãos. Infelizmente, mesmo entre tais seitas, a unidade não parece durar muito. Muitas seitas religiosas, hoje, estão se fragmentando, deixando o seu *sobornost*.

Depois de dizer todas estas coisas, ainda continuo sob a impressão de não ter dito nada, porque, por mais que o tente, não consigo encontrar palavras que expressem toda a sublime imensidão desta unidade total em que se fundem os filhos de Deus, os que aceitam, por exemplo, o "Evangelho sem restrições", entrando, como sendo uma só alma e um só coração, nesta corrente da tradição cristã com seu tesouro de idéias imutáveis. Em Madonna House esta unidade é, para nós, o "Pequeno Mandamento", como adiante se verá. Neste particular nós somos uma perene reunião, uma comunidade que está sempre gerando *sobornost*.

Talvez alguém se admire de todo este meu esforço e persistência em querer traduzir o conteúdo de *sobornost*, muito embora seja quase impossível fazê-lo. Todavia, tenho que persistir neste intuito, porque o sentido desta palavra é parte da unidade que existe entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. É deles que vem a perfeição de *sobornost*.

Na Rússia, porém, esta palavra e seu conteúdo vêm-se depurando através de inúmeras gerações como um ar que se respira. Tolstoi e Dostoiévski tentaram descrevê-la e retratá-la. O Ocidente perde muito da beleza das obras destes escritores, exatamente porque não percebe nelas este aspecto. É por isso que suas obras são comentadas apenas como peças raras de literatura, enquanto a essência foge ao alcance de críticos e leitores. No Ocidente,

acentuadamente individualista desde o assim chamado Renascimento, a unidade entre as pessoas tornou-se cada vez mais rara.

Não existe unidade de interpretação do evangelho. É preciso enfrentar o fato de que *não haverá unidade entre nós a* não ser através da vivência do evangelho e não apenas através de sua pregação. Caso contrário, não haverá *sobornost!* Não haverá reunião de mentes.

Para viver o evangelho, cada qual terá que conduzir a própria vida pela de Jesus Cristo. Isto significa abandono, rejeição, crucifixão. Não há *sobornost* sem cruz, porque é somente no sofrimento que adquirimos aquele conhecimento profundo, impossível de ser encontrado em livros ou na simples educação. Trata-se de um conhecimento que só Deus concede e que constitui o fundamento da unidade.

As pessoas assim unidas são transparentes e nos deixam ver, lá nas suas profundezas, o fundamento de *sobornost...* da unidade.

Sobornost jamais é superficial. Nunca é temporário. Permanece sempre lá bem no fundo, como água viva e fresca, na fonte do coração, à espera de todos os irmãos que desejarem bebê-la.

E, contudo, há ainda uma infinidade de coisas a serem ditas a propósito de *sobornost*.

2. COMEÇOU NO PENTECOSTES

Sobornost, na verdade, não é uma palavra; é um conceito, uma dimensão da graça, este grande dom de Deus, pelo qual a humanidade esperou durante muito, muito tempo.

Houve um momento grandioso na história dos homens, em que um pequeno grupo de pessoas experimentou e sentiu em si este dom. Naquela hora a alegria transbordou dos corações destas pessoas com tamanha intensidade que os circunstantes, pasmos, as julgaram bêbadas.

Isto se deu no dia de Pentecostes: o dia em que a misericórdia e o amor de Deus baixaram sobre os homens em forma de línguas de fogo, pairando sobre suas cabeças, enchendo-os de felicidade interior e enriquecendo-os com os dons do Espírito Santo.

O Espírito Santo estava lá presente para uni-los. Jesus Cristo assim o havia pedido a seu Pai, na véspera da sua paixão: "... que todos os homens sejam *um*, bem assim como tu estás em mim e eu em ti". Portanto, o Espírito Santo desceu, no dia de Pentecostes, para começar uma nova dimensão da unidade, a qual — e somente ela — iria possibilitar ao homem seguir o caminho estreito, preconizado e inaugurado por Cristo. O Espírito capacitou-os também para entenderem o verdadeiro sentido de união, comunidade, *sobornost*.

No dia de Pentecostes, o Espírito Santo estava consolidando, se é que tal palavra possa ser usada ao falar-se da Santíssima Trindade, estava consolidando os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Foi

um dia grandioso, imenso e santo em que, sob a ação maravilhosa do Espírito, os corações e as mentes dos Apóstolos se abriram para a compreensão das parábolas e dos demais ensinamentos de Jesus: "Qualquer coisa que fizerdes ao menor dos meus irmãos, é a mim que o estais fazendo". As bem-aventuranças, que o mundo não compreende e pouco aceita, devem ter sido iluminadas, de maneira especial, por aquelas línguas de fogo, como se fossem chamas de velas.

Sob esta luz, os apóstolos devem tê-las visto, pela primeira vez, como o desabrochar de uma grande flor: o amor a Deus, o amor ao próximo, o amor aos inimigos, o heroísmo de imolar a própria vida pelos irmãos. Sim, a descida do Espírito Santo foi uma invasão de luz que penetrou os recantos mais escuros dos corações dos apóstolos, e deles transbordou e se foi irradiando de coração em coração, na medida em que eles pregavam e viviam o evangelho.

Sem dúvida, houve um dia, na história da humanidade, em que *sobornost* atingiu sua plenitude de sentido e sua dimensão total de unidade e união: a reunião dos homens com Deus.

Mas é preciso lembrar que, para chegar ao Pentecostes, o Senhor Jesus teve que trilhar um longo e penoso caminho que foi da encarnação à morte e, por esta, à ressurreição.

Segundo meu modo de pensar, nós saímos da cabeça de Deus e caminhamos para o coração de Deus. Nisso deveria consistir a caminhada de nossa existência... uma vida que entende a eternidade,

porque olha para si mesma — física, emocional e espiritualmente — iluminada pelos reflexos da fé e, desta forma, compreende, sempre à luz da fé, que foi criada por Deus. Compreende também que pecou contra ele, de uma maneira ou de outra. Depois de examinar um grande número de pacientes, o grande psicólogo e psiquiatra Jung chegou à conclusão de que o Gênesis está certo: houve, sim, algum pecado muito grave que os homens cometeram contra um Poder maior do que eles, e que nós denominamos "pecado original".

A vinda de Jesus Cristo, sua encarnação, morte e ressurreição trouxeram-nos o batismo e os demais sacramentos. O batismo, destruindo a mancha original, representa um novo *sobornost*, uma nova reunião do homem com Deus, agora tão bela como fora antes da queda ou, talvez, mais bela ainda e mais intensa porque, por este sacramento, nós nos tornamos *um* com Cristo, através do seu Corpo Místico do qual ele é a cabeça, nossa cabeça. Porque a partir do momento em que percebo ser mão de um corpo, não posso deixar de sentir a necessidade de estar unida a ele. Estou mesmo?...

É São Paulo quem, novamente, nos traz outro conceito de "sobornost", quando escreve: "Se eu falar a língua dos anjos e dos homens... Se eu tiver o dom da profecia... Se eu tiver fé... Se eu der aos pobres todos os meus bens e entregar meu corpo às chamas e não tiver caridade, sou como um bronze que soa..." (1Cor 13,1-4). Em outras palavras, a posse de todos os dons imagináveis é totalmente inútil se faltar em nós o vínculo fundamental que nos une a Deus: o amor a ele e

ao próximo.

E assim voltamos ao Pentecostes, à "Pomba Vermelha, o Deus do Amor", como os russos chamam o Espírito Santo. Ele é o Paráclito, o Advogado que promove a união total do homem com Deus através do amor.

Assim podemos criar um *sobornost*.

3. MENTE E CORAÇÃO NUMA SÓ UNIDADE

Quando seguimos as inspirações do Espírito Santo, podemos criar *sobornost*, unidade.

Nos dias de hoje o Movimento Carismático está despertando o povo para esta realidade, que as pessoas chamam de "consciência comunitária". Indubitavelmente, Deus deseja que participemos todos deste espírito de comunidade, e ainda, com minha mentalidade russa, eu diria que ele está modelando em nós um *sobornost*: um grupo, uma só mentalidade... unida... sólida, sem medo de perigos e riscos, enfrentando-os com o mesmo objetivo e disposição. Se houver um abismo no qual se deva penetrar, esta "consciência comunitária" começa, então, a funcionar, especialmente agora que ela começa a ser descoberta, reconhecida e adotada por alguns cristãos modernos. Os que acreditam, os fiéis, penetram no abismo como se fossem uma só pessoa.

Relembremos aqui o que aconteceu, por exemplo, à nossa Casa da Amizade em Toronto e em Harlem. Em Toronto sofremos uma tremenda pressão externa, um ataque mais do que evidente, vindo do público. Em Harlem, porém, o ataque veio de dentro, levou mais tempo para se manifestar e chegou bem mais insidioso. Em ambos os casos, porém, era o demônio que estava em ação. E só existe um modo de enfrentar o demônio: formar um grupo, *como se fosse uma só pessoa*.

Espiritualmente, não deveria haver muitas "Madonna Houses", mas *apenas uma*, assim como não há muitas Igrejas, mas apenas uma. Lentamente nos

organizamos num *sobornost*, do qual a consciência comunitária é um elemento integrante.

Se o meu, o seu e o nosso "espírito comunitário" nos levam a um *sobornost* autêntico, que é a plenitude da união, ninguém poderá vencer-nos ou sequer nos atingir. Sim, eu sei que os homens podem matar-nos, mas jamais destruir nosso espírito de fé, nosso amor e o grande ideal que ele traz em si. A cada morte nossa — aceita generosa e livremente — dez outros se levantarão para nos substituir e continuar carregando, bem alto, a tocha deste espírito, passando-a de geração em geração, exatamente como fazem os jovens atletas nos jogos olímpicos.

Não, ninguém consegue destruir o "Pequeno Mandato" de Madonna House, nosso espírito de união e de unidade, o mesmo do evangelho, pelo qual todos e cada um de nós estamos dispostos a ser crucificados e até esquartejados. Uma profunda consciência comunitária é a melhor defesa que temos, montando guarda a este espírito. A encarnação de *sobornost*, união na vida de cada dia, torna-se fonte desta consciência comunitária.

O mais perfeito *sobornost* existe, naturalmente, na Santíssima Trindade, na qual as Três Pessoas são um só Deus. Quando Deus criou o homem e a mulher, a perfeição desta união existiu também, antes do pecado original, entre homem, mulher e Deus. Adão e Eva, cumprindo e vivendo a vontade de Deus, no Paraíso, onde viviam antes da culpa, estavam em união com seu criador e os vínculos desta união eram os laços de um tremendo amor.

Infelizmente, como sabemos, houve um rompimento destes vínculos sagrados, destes laços de união entre Deus e o homem, mas o rompimento não veio da parte de Deus, e sim do homem. Esta união rompida torturou o homem durante séculos em que ele procurava, ansioso, este "elo perdido"; perdido ou destruído por ele mesmo. Através da sua encarnação, morte e ressurreição, Jesus Cristo tornou-se o grande elo ou vínculo entre o céu e a terra, trazendo, em sua pessoa, o imenso dom da reunião e da amizade com Deus. Renovou-se, então, pelo batismo, o *sobornost*, a unidade que a Eucaristia intensificou ainda mais. Ambos estes sacramentos selam a unidade de Deus com o homem e do homem com Deus.

Estou tentando explicar o inexplicável, porque, como já venho insinuando desde o início, *sobornost* é, de fato, um mistério de unidade e de união, profundamente escondido no Coração de Deus, donde saiu como um dom para os homens. Como mistério, ele é um desafio para a nossa fé; a única maneira de desvendá-lo e penetrá-lo, como todos os mistérios divinos, é através da meditação, em que se escuta a voz de Deus, é na oração, é na vivência de cada dia, no cumprimento de sua vontade.

Escutar a voz de Deus e rezar tem que ser, obviamente, a preocupação principal na vida de cada cristão, uma vez que a lei de Cristo deve ser encarnada no homem. "Servir e rezar" ainda continua sendo o fundamento do *sobornost*, de toda e qualquer união verdadeira.

Isto se torna evidente se voltarmos o olhar para o Ocidente, no século XI, quando os Beneditinos

atingiram o ponto mais alto do seu poder e de seus domínios. Naquele tempo, os Cistercienses, na França, renovaram a Igreja por um modo de vida muito simples, baseado no que os russos chamariam de "consciência comunitária", degrau para a unidade ou *sobornost*. Todos foram unânimes na conclusão e na decisão de que a melhor maneira para renovar a Igreja era: "ora et labora", reza e trabalha. Com seu trabalho humilde e simples, abraçado e assumido com amor, eles reacenderam o fogo que Cristo disse ter vindo trazer à terra. Nos moldes e limites de sua simplicidade, este fogo abrasou toda a Idade Média e durou bem uns trezentos anos ou mais.

E aqui estou eu, lutando com as palavras, na difícil tarefa de tornar compreensível este mistério, tanto ao Oriente como ao Ocidente, convicta como estou de que Deus pede isto de mim. Francamente, sinto vontade de arremessar para longe toda as palavras fantasiosas e, pondo-me de joelhos, tentar assim, na prece, atingir a essência deste *sobornost*, o mistério desta união. Com alegria imensa o faço, uma vez que as línguas de fogo pairaram também sobre mim. Como claramente diz o evangelho, todo batismo é realizado na água e no espírito; assim sendo, também eu tive o meu Pentecostes e também eu sou herdeira dos dons do Espírito Santo. Eu também tenho de tentar explicar este mistério de união sem explicações, porque *sobornost* e união são algo que cada coração capta de outro coração, como chama que se acende em outra chama. Não é somente com uma corrente de mãos dadas, mas, sobretudo, com os corações unidos que chegamos ao coração do próprio Cristo. E aí está o divino Espírito Santo para purificar nossos corações em suas chamas, para

que eles, na liberdade, na fé, na confiança e no amor, se possam voltar uns para os outros.

Sobornost são os caminhos de Deus na união que nos tornam capazes de enfrentar as emergências que se nos deparam dia a dia; emergências de luta contra um inimigo que está continuamente atacando todas as obras de Deus, tanto no íntimo dos corações humanos, como na sociedade. *Sobornost é a restauração, cicatrização das feridas abertas no Corpo Místico de Cristo.*

É a reunião e recrutamento dos fiés para as horas de combate e de emergência. Em tempos normais basta a "consciência comunitária" de uma família, de uma instituição, de uma ordem religiosa, de um povo. Nas grandes emergências do povo de Deus, entretanto, é imprescindível que haja *sobornost*, a união com Deus.

4. UNIDOS PELO FOGO

Tem-se a impressão de que os índios canadenses e americanos entendem melhor do que os cristãos o conceito de *sobornost*, este mistério de unidade. Há pouco tempo, tomei nas mãos, a esmo, um pequeno folheto intitulado: *Quatro Notáveis Profecias Indianistas*, relativo a uma palestra de Red Jacket, famoso orador. Eis o que aí encontrei: "Também nós temos uma religião, que nos foi transmitida por nossos antepassados. Ela nos ensina a sermos agradecidos, a sermos *unidos* e amar-nos uns aos outros. Nós nunca discutimos acerca de religião".

Temos ainda o depoimento de Charles Eastman, médico índio de Sioux: "Depois de trinta e cinco anos de experiência, cheguei à conclusão de que não existe a assim chamada "civilização cristã". Pessoalmente sou de opinião que cristianismo e civilização moderna se opõem um ao outro de maneira irreconciliável, e o espírito do cristianismo é o mesmo da nossa religião antiga".

Reportamo-nos, igualmente, a um julgamento de conferência de Nipo Strongheart, orador de Yakima, o qual, referindo-se a nosso grupo de missionários, afirma: "Eles nos ensinaram que somente sua religião era certa e todas as outras eram erradas. E nós nos perguntávamos, então, como seria isto possível! Todos estes cristãos dizem que acreditam no Grande Criador e em um mesmo Profeta (Jesus); entretanto, eles se desavêm uns com os outros. Certamente, isto não é religiosidade".

Talvez eu devesse dizer, nesta altura do livro, que meu diretor espiritual insistiu, ao longo de

muitos anos, para que eu escrevesse, o quanto antes e da melhor maneira que pudesse, sobre este tremendo mistério de *sobornost*, a união em plenitude... E eu me tenho sentido totalmente incapacitada para fazê-lo. Mas ele continuou insistindo e eu, na verdade, acredito na obediência a um diretor espiritual; por isso continuei rezando até que, finalmente, comecei a compreender que tudo quanto eu escrever sobre este assunto será, por assim dizer, inspirado por Deus. Digo isto, porque percebo a grandeza do mistério que tenho em mãos e empreendi esta tarefa com profunda oração, considerando que isto é a vontade de Deus. Lentamente, mas não sem esforço e sofrimento, o presente esboço vai conquistando a luz do dia.

Eu me inspiro, naturalmente, tanto na sabedoria cristã do Oriente como do Ocidente, mas, vez por outra, eu me detenho em face das assim chamadas "religiões antigas", entre as quais coloco a dos índios norte-americanos. E paio profundamente estarecida diante dos caminhos de Deus, Senhor da História, que vai conduzindo os povos, pouco a pouco, ao amor e à verdade eterna através dos caminhos mais variados e maravilhosos, alguns dos quais recebendo já os princípios cristãos.

Os russos sempre tiveram um amor extraordinário pelo Espírito Santo e até afinidade com ele. Qualquer leitura rápida das liturgias orientais e das orações russas nos convence disso. Estão todas repassadas de amor e preces freqüentíssimas dirigidas ao Paráclito, à Pomba Vermelha. Os russos o vêem sempre dentro do contexto da

Santíssima Trindade, naturalmente, mas têm também uma percepção clara do seu trabalho e ação na vida de um cristão.

Eles parecem mergulhar profundamente no fogo sagrado do Pentecostes, como que dominados pelo sentimento de que precisam atrair fagulhas destas chamas a fim de poderem encarnar, na vivência de cada dia, as promessas do seu batismo.

Eles sabem também que será através da ajuda do divino Espírito Santo, e somente com ela, que se poderão tornar imagens vivas do Cristo, pela participação do seu corpo e sangue. É o Espírito que os conservará no "caminho áspero e estreito" de que fala o evangelho. Mas, acima de tudo, é nas chamas do Pentecostes, no fogo divino deste Espírito Santo que se forjam os elos da corrente de união entre os fiéis: vínculos de fogo, de força e de autenticidade que os faz honrar seu batismo.

Batismo, como sabemos, é morrer com Cristo para ressurgir com ele, na expressão vigorosa do Apóstolo Paulo. Esta morte e ressurreição são constantes e isto constitui a realidade do cristianismo, *sobornost* de unidade de Cristo conosco e da nossa unidade com ele. Seguir a Jesus Cristo é um risco tremendo. Seguir a Cristo significa romper com o nosso comodismo, consumindo as raízes da nossa própria vontade no fogo divino do Espírito Santo. Fica assim a terra do coração preparada para as sementes da vontade de Deus que, crescendo em nós, irão moldar nossas vidas.

Eis a grande realidade que todos devemos encarar como família, como organização, como comunidade

(leiga ou religiosa) e como cidadãos de qualquer país. Todos temos que entrar no mistério do Espírito Santo que é o amor de Deus ardendo em nós e sobre nós, como chamas de fogo. Sem atravessar estas chamas, jamais nos tornaremos uma só mente, um só coração e até um só sentimento.

5. TROCA DE CORAÇÕES

Tendo relido o que escrevi até agora, repetidamente desejei poder comunicar tudo o que meu coração sentisse com relação a *sobornost*. Esta realidade volta continuamente a mim, não tanto como uma verdade teológica, como de fato é, nem como um conceito ou idéia que devamos exaltar, mas como um mistério.

Sim, *sobornost* é um mistério de união e de unidade que, evidentemente, só pode ser compreendido pelo coração. É um mistério todo inserido em plena realidade da história humana e da redenção, pois trata-se da união entre pessoas, entre povos e entre Deus e a humanidade.

Tudo isto é, sem dúvida alguma, um mistério de amor. Ora, ninguém entra na realidade do amor com a mente ou com a cabeça. A cabeça é totalmente inútil quando se trata de amor. Amor não é também parte do que nós chamamos emoção. Sem dúvida, ele traz em si implicações e situações emocionais, sobretudo quando se fala de amor sexual, mas, no caso, não estamos nos referindo a este tipo de amor. Estamos falando de algo tão estranho, tão misterioso e tão incrível, que nossa cabeça se põe a girar quando reflete sobre isto, medita-o e contempla-o.

É algo como se estivéssemos olhando para um misterioso corpo todo feito de águas cristalinas e víssemos, de repente, abrirem-se estas águas... E eis que, lá nas suas profundezas infinitas e prateadas, aparecesse um rosto, a face sagrada de Cristo. E enquanto olhássemos para esta face,

acontecesse uma outra coisa incrível e grandiosa: *a face de Cristo refletisse a face do Pai*. Isto acontece, naturalmente, porque o próprio Jesus Cristo disse a Filipe, no evangelho de João: "Quem me vê, está vendo o Pai" (Jo 14,9). Em seguida, outra descoberta: agora *a face de Jesus Cristo reflete também a minha e a sua, leitor!*

Quem pode negar que isto seja, de fato, um mistério? E, repito, é olhando para tal mistério, é contemplando este fenômeno sublime e estranho que começamos a entender *sobornost* — esta unidade sobre a qual estou tentando transmitir alguma idéia. Esta unidade é minha face vista na face de Cristo; é o próprio Cristo refletindo a minha face. Pelo menos é assim que a vejo.

Esta unidade chega até mim de outra maneira também. Eu a descubro naquela "genuflexão dupla", uma inclinação profunda do corpo, ajoelhado, prostrado sobre o solo para beijar o chão ou adorar a Deus. Os cristãos russos ainda fazem isto.

É preciso entender o que ela significa: o homem não pode ficar de pé diante de Deus. Ele se inclina. Ele adora. Estes movimentos são a exteriorização de sua fé.

Então *sobornost* é esta aproximação, esta união de um corpo que se inclina e se debruça para ficar mais perto. É esta inclinação que eu faço para beijar a face de Cristo que reflete a face de seu eterno Pai e, nela, a minha também.

Inclinação é um gesto espontâneo e livre. Inclinação é entrega. Ela significa que reconheço

quem eu sou e quem é Deus: o meu nada e a sua grandeza. Subitamente, o orgulho empertigado e a soberba altaneira do século vinte, da nossa era tecnológica, percebe que toda a sua arrogância não passa de tolice, para usar uma expressão moderada. Esta soberba e arrogância não levam o mundo a parte alguma.

Então o homem começa a se inclinar; vai-se dobrando, sempre mais para baixo, tornando-se cada vez menor, até ficar sabendo com todas e cada uma das partes do seu corpo — seus músculos, seu coração, suas emoções e sua consciência — que ele é *um* com Deus quando assim se inclina e se apequena, no cumprimento da vontade deste Deus.

No momento em que ele entende isto, a sua inclinação se transforma em prostração total. Ofuscado pelo brilho intenso do conhecimento de Deus e pelo contraste de sua própria insignificância, ele encontra, finalmente, o seu lugar, sua situação e atitude definitiva. Este conhecimento torna-se uma realidade dentro dele e em sua vida.

Deus é Deus e eu sou um homem ou uma mulher, simplesmente uma pessoa. Ele é o Criador e eu sou sua criatura. *É bom saber isto!* É o começo de *sobornost*. Quer o queiramos quer não, é o princípio da unidade, porque, depois de prostrar-me, com a face por terra, depois de me ter reduzido às minhas dimensões reais, agora posso levantar-me. Posso reerguer-me, porque me tornei criança, condição imposta por Cristo para alguém chegar ao céu, para eu entender quem é Deus e quem sou eu. A alegria desta descoberta pervade as fibras do meu ser e me levanto, como uma criança, para

dançar e brincar com Deus. Desta maneira, "sobornost" cresce em mim, cresce a união. E cresce sem parar. Sabem por quê? Porque encontrei meu Deus, achei-o dentro de mim, nas devidas proporções. Sim, repito, agora posso levantar-me. Agora posso dançar e brincar com Deus. Agora posso ser criança.

Vocês estão percebendo por que tudo isto cresce em mim? É porque as crianças sempre confiam. As crianças são um só coração e uma só mente com seus pais. As crianças, no sentido do evangelho, as crianças de Cristo são assim também. Por isto fazem sempre a vontade do Pai e, enquanto se identificam com ele, no cumprimento desta vontade, cresce nelas *sobornost*, cresce a união e elas crescem para a unidade.

Agora estão abertos os seus corações, porque neles penetrou a luz do amor. Agora eu posso pegar os corações de vocês e vocês podem pegar o meu e podemos efetuar a troca de corações. Podemos fazer exatamente como certos santos, que fizeram troca de coração com Deus. E assim, depois deste intercâmbio de corações, nós somos todos *um*. *Cresce sobornost*, cresce a unidade.

Mas, como pô-lo em prática? Como fazer as pessoas entenderem esta realidade, esta beleza toda? Eis aí algo muito difícil nesta nossa sociedade pragmática e cerebral, na qual todos e cada um querem colocar-se no primeiro lugar, o que é impossível. É contra o evangelho; Deus não quer que eu faça isto. Deus quer que eu seja o *terceiro*, nunca o primeiro. Deus vem em primeiro lugar; meu próximo é o segundo na ordem e *eu*

*sou o terceiro.*¹

Muito bem... eu estava refletindo sobre *sobornost* e perguntando a mim mesma se conviria abordá-lo de uma maneira conceitual, sob um prisma teológico ou à luz da filosofia... Qual destes ângulos seria melhor? Meu coração respondeu-me que nenhum deles servia. *Sobornost*, para mim, este mistério de união em plenitude, é como o venho tentando descrever. É assim que a canção da unidade canta em mim.

Mas o problema permanece. Como transmitir tudo isto à equipe de Madonna House, aos nossos visitantes e ao resto do mundo, se cada pessoa parece dominada e perseguida apenas por seus próprios desejos? Hoje vivemos num mundo em que todos vivem preocupados com "suas coisas". Estão todos buscando a si mesmos, as suas coisas, os terroristas, e os não terroristas, os governantes e o povo, os comerciantes e seus fregueses, os pais e os filhos! Dessa triste condição não escapam totalmente nem os representantes do apostolado leigo, nem as comunidades religiosas masculinas e femininas. Estes não conseguem ouvir nem entender a canção de *sobornost*, a minha canção. Não parecem estar atentos à voz de Deus, mas, unicamente, às suas

¹ "Eu sou o terceiro" é um capítulo do livro ***Apresento-Ihes a Baronesa***. Esta frase é uma das mais belas e profundas realidades que se vive em Madonna House, ao lado de sua fundadora, a autora deste livro. Veja-se ***Apresento-Ihes a Baronesa***; Pé. Héber Salvador de Lima, sj., Edições Paulinas, 3ª edição, pp. 115... (Nota do Tradutor)

próprias vozes; surge, então, uma espécie de tremenda cacofonia em seus corações e em seus ouvidos. Não deveria ser assim, mas infelizmente o é.

Eis aí como vejo o fundamento de *sobornost*, da unidade cristã: meu próprio reflexo na face de Deus; minha entrega, inclinação para ele e para a sua vontade. Isto me leva a uma troca de coração com ele e, depois, com meus irmãos e irmãs, através dele. Depois eu me levanto da minha inclinação e prostração, *transformada em criança* com o canto de *sobornost* ressoando em minha alma. "Eu lhes asseguro que, a não ser que vos torneis como crianças, nunca entrareis no reino do céu" (Mt 18,3).

6. O "SIM" DE UMA MOCA, EM NAZARÉ

Sobornost é uma rajada de ventos pentecostais que arranca pela raiz muitas idéias humanas preconcebidas e varre para longe inúmeros postulados conceituais. A realidade vigorosa deste mistério de união arrasa com todas as nossas normas pessoais e seus silogismos impecáveis. Ela entra em nossa mente para mostrar que é dotada de asas e... ninguém pode impor limite às asas que, ao ruflarem, produzem também vento e lembram as asas da Pomba Vermelha, as asas do Espírito de Deus, a brisa que acompanhou sua descida sobre os Apóstolos.

Há um intercâmbio de sopros vitais entre o céu e a terra, porque Deus tem fome do amor humano e o homem tem fome do amor de Deus. Basta lembrar o que disse Santo Agostinho: "Vós nos fizestes para vós, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não descansar em vós". De certo modo o coração de Deus também está inquieto enquanto não descansar no nosso. Para isso tende o *sobornost* da união entre Deus e o homem.

Esta fome de Deus toma dimensões quase visíveis e palpáveis na oração, apesar de sabermos que a oração tem suas raízes invisíveis plantadas no espírito e no coração. *Sobornost*, esta ânsia de união, exprime-se externamente, entre os ocidentais, através da oração na presença de Deus. É estar frente a frente com o divino e sentir a presença dele dentro de nós e também fora de nós, envolvendo-nos de todos os lados. *Sobornost*, assim entendido, é uma oração poderosa que não precisa de local especial, para ser feita. O mundo é seu

templo, sua capela. Pode-se rezar, desta maneira, num ônibus, durante uma caminhada, durante uma aula ou conferência, porque *sobornost*, a oração unitiva, é o supremo ato do homem amando a Deus e tendo consciência de sua presença, numa prece sem palavras.

Já no Oriente, *sobornost* se exprime através da *Oração do nome de Jesus*, que começa com uma constante repetição deste santo nome, com a adição de: "Senhor, tende piedade de mim, pecador". Esta oração é recitada como uma "mantra", tipo de oração oriental baseada no ritmo, o ritmo que é próprio da respiração. Inspirar... respirar... E ao mesmo tempo recita-se a oração ritmadamente. Pouco a pouco, este modo de rezar deixa de ser algo artificial que se faz; começa a ser algo que se vive.

A gente se perde no infinito da presença de Deus, três vezes santa. Sim, porque a *Oração do nome de Jesus* leva a alma tão vividamente diante do Criador, como a *Oração da presença de Deus*. E assim ela vai-se tornando parte integrante da vida, a ponto de não se interromper nem mesmo durante o sono, como diz a Bíblia: "Eu durmo, mas meu coração continua atento".

Esta oração se faz como se o próprio Deus estivesse rezando em nós. Não me perguntem como isto acontece. Simplesmente é assim. Na medida em que cada frase deixa de ser frase para tornar-se uma respiração vital, a gente se aproxima cada vez mais perto de Deus, até que Deus e você, Deus e eu, Deus e cada um de nós sintamo-nos envolvidos num misterioso *sobornost*, num mistério de união que não pode ser rompida.

De certo modo a *Oração da presença de Deus* e a *Oração do nome de Jesus* são o caminho que leva ao silêncio libertador. É neste silêncio que descobrimos, realmente, quem somos nós.

Sobornost se alimenta muito da Bíblia, naturalmente, sobretudo dos evangelhos; está sempre à escuta de Jesus. Com isto, queremos dizer que as pessoas desejosas de chegarem à plenitude da união, são todas leitoras assíduas das Sagradas Escrituras, sempre atentas à inspiração do divino Espírito Santo, para poderem pôr em prática, na vida, o que lêem no evangelho.

O silêncio que acabamos de mencionar como resultado da *Oração da presença de Deus* e do *Nome de Jesus*, é o silêncio por excelência; é a alma toda transformada em ouvidos para escutar Javé, Jesus Cristo e o Espírito Santo. Este é o silêncio que convida os homens e as mulheres a romperem as barreiras do mistério intransponível e penetrarem no Triângulo Divino da Santíssima Trindade, onde não se pode ouvir uma das pessoas sem escutar as outras duas. Para chegar-se a esta suprema graça de ouvir as vozes da Trindade, requer-se um auxílio muito especial do divino Espírito Santo. Sim, porque aí, nestas alturas infinitas, é que se encontra o perfeito *sobornost*, a plenitude e perfeição infinita da união e da unidade.

A oração é o meio de reforçarmos o *sobornost*, a união, porque com ela nós tocamos a Deus, por assim dizer. Quando Cristo apareceu a Maria Madalena, depois da ressurreição, disse-lhe: "Não me toques, porque ainda não voltei ao Pai" (Jo 20,17).

Agora, com a *Oração da presença de Deus* e do *Nome de Jesus*, cria-se, dentro de nós, um fervilhamento de olhos e de dedos misteriosos com que percebemos e tocamos o Cristo. Ora, quem "me vê, vê também o Pai". Assim, novamente, de maneira indizível, tocamos a Trindade.

Sobornost é composto de fé e oração, amor e esperança. Mas somos fracos. Vivemos assustados. Pois bem, se nos pusermos a caminhar, decididamente, na busca do *sobornost* unitivo, estaremos também tomando o caminho da entrega, do risco e do sofrimento. Aqui precisamos de um modelo: alguém que nos ajude a compreender e a viver o sentido desta palavrinha russa — *sobornost* — que veio de tão longe, mas cujo conteúdo sempre esteve tão perto de nós. Sim, esteve e está perto de nós; infelizmente, porém, estas realidades divinas escoam, como água, por entre os nossos dedos. E é tão simples elevar, fechar e apertar estes dedos, na oração, para retermos estas belezas divinas, tão reais, tão dentro de nós. Precisamos de um modelo. Somos crianças que só aprendem imitando.

Se não achamos ainda tal modelo, é porque não o procuramos diligentemente ao redor de nós, é porque ainda não dirigimos nosso olhar à jovem de Nazaré, à mulher que ouviu de um anjo mensagens e recados incríveis: "Ave, cheia de graça, o Senhor Deus está contigo"! E quando ela lhe perguntou qual o sentido de tal saudação, o mensageiro misterioso respondeu: "O Espírito Santo descera sobre ti e o poder do Altíssimo te envolverá como numa sombra. Por isto aquele que vai nascer de ti será chamado Filho do Altíssimo" (Lc 1,35). Estava implícito que a

vida nova que ela ia conceber em si vinha do próprio Deus.

Agora vem o "estalo"! Agora vem o ponto mais alto, a totalidade da fé: "Eis aqui a serva do Senhor! Faça-se tudo em mim, de acordo com a tua palavra"!

Eis o *sobornost* perfeito. Nós acabamos de dizer, algumas linhas acima, que a perfeição da união e do *sobornost* se encontra na Santíssima Trindade, na qual as três pessoas pensam e agem como uma só pessoa. Agora, uma simples criatura humana, como você e eu, uma jovem, talvez, de apenas quinze anos, pronuncia uma única palavrinha que repercute pelo mundo daquele tempo e vai ecoar por toda a terra até o fim do universo. Eis a palavrinha tão pequena e tão grande ao mesmo tempo: "*Fiat! Faça-se em mim conforme a tua palavra*".

Vamos ficar um pouco com esta jovem, bem perto dela, porque ela é igual a você e a mim. Não é igual a Deus! É uma simples criatura. Ela é o modelo que andamos buscando. Vamos conservá-lo e segui-lo, a fim de podermos realizar em nós a mesma totalidade de união com a vontade de Deus.

Então Maria deu à luz uma criança. Ela enfrentou a situação com São José em completo silêncio. Foi Deus quem explicou as coisas a São José; ela guardou silêncio. Tinha esperança de que Deus iria falar e sua esperança realizou-se no sonho de seu esposo.

Ela deve ter amado a São José, mas compreendia, também, que devia conservar sua virgindade. Este amor criou em seu coração uma união perfeita, teceu nele um *sobornost* como quem tece uma tela

ou um pano. Quem sabe não foi este o tecido que ela usou para a túnica inconsútil, aquela mesma que os soldados romanos não tiveram coragem de cortar, mas sortearam com dados, ao pé da cruz!

E assim nasce uma criança! Durante muitos anos, trinta, de acordo com a tradição cristã. Maria deve ter perguntado muitas vezes a si mesma quem seria aquele Menino, aquele seu filho!

É desta forma que vemos *sobornost*, o mistério de união de Deus com o homem, expresso em pequenas coisas, realizadas tão bem pelo Verbo Encarnado, trabalhando humildemente como carpinteiro e por sua Mãe, Maria. Mas houve também um dia em que ele desapareceu, por assim dizer. Ter-se-ia despedido dela, antes de partir para sua vida pública, sua missão de Messias e Redentor? Provavelmente sim, mas isso não tem importância.

O importante é o coração, a alma desta estranha mulher que deu à luz o Filho de Deus, viveu com ele trinta anos, no mais total abandono à vontade de Deus e, depois, quando ele se afastou, passou a segui-lo de longe, aceitando sua aparente rejeição. Sim, porque ele chegou mesmo a declarar que não tinha mãe: "Minha mãe e meus irmãos são aqueles que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus." Nesta hora também ela se "inclinou", como os russos se inclinam. Não terá sido um gesto físico, mas uma inclinação interior de aceitação. Uma inclinação de sua alma com a repetição, talvez, da grande pequena palavra: "*Fiat*, faça-se tudo em mim, de acordo com a tua palavra".

E mais uma vez o *Fiat*, o seu maravilhoso *sim*

percorreu o mundo; mas desta vez terá sido em silêncio, no íntimo do coração — porque a gente pode dizer *sim* em silêncio também.

Depois do afastamento, Cristo começou a pregar a Boa Nova. Sua Mãe seguia-o a distância. Ela o encontrou, um dia, a meia encosta do Calvário, quando ele subia com a cruz às costas. Dizem que este encontro é pura lenda... será? Mas as lendas nascem da tradição e têm raízes profundas no espírito humano. Durante este rápido encontro, ela o reteve, ela o abraçou, mais uma vez... a ele e a sua cruz! Logo em seguida ele partiu para o horror final. E ela estava de pé, ao lado da cruz!

Foi nesta altura de sua vida, que seu *sim*, o seu *fiat* alcançou a dimensão definitiva. Agora, lá no topo do Calvário, ela o repetiu, uma e muitas vezes, com a compreensão luminosa e total de que esta sua palavrinha de aceitação não era apenas uma canção de dor, mas também um canto triunfal de alegria. Foi o momento decisivo em que ela entendeu que, ao tornar-se Mãe de Deus, tornou--se também Mãe dos homens.

Tudo isto pode ter sido percebido de maneira um tanto vaga, até o momento em que, de repente, a voz de seu filho soou, lá de cima da cruz. Veio então a bela confirmação nas palavras que ele disse a João, o apóstolo amado, também presente ao pé da cruz: "Eis aí tua mãe!" e a ela: "Eis aí o teu filho". Neste momento, dissiparam-se quaisquer sombras de dúvida que pudessem ter existido em sua mente. Agora, a convicção invadiu todos os recantos do seu ser: ela era a Mãe de Deus e Mãe de todos os homens. Foi como um parto e, como todos os partos,

foi um momento doloroso. Ali no Calvário, realizou-se a profecia da espada de Simeão: foi o martírio de Maria com seu filho. Por isto é que a tradição cristã a chama de rainha dos mártires.

Na hora em que tiraram da cruz o corpo de seu filho, ela sentou-se — sobre uma pedra? Algum tronco de árvore caído ou banco improvisado por alguém? Não se sabe. O que é certo é que tivemos ali a primeira *Pietà*. Seu coração podia estar partido, dentro do peito, mas seu rosto conservava a serena placidez dolorida que, mais tarde, Miguel Ângelo procuraria gravar no mármore branco do Vaticano. Sua face estava serena, porque, agora, ela sabia quem ela era e por que seu Filho tinha nascido dela. Sabia que ia ser o exemplo perfeito de união entre Deus e as criaturas, o perfeito *sobornost*. Era a nova Eva que conversava com Deus, ao lado de Adão, passeando no Éden; Maria não somente conversava com Deus, mas o segurava em seus braços e sua vontade era uma só com a dele.

Quando meditamos profundamente sobre estes acontecimentos, percebemos que a *Oração da presença de Deus* e a do *Nome de Jesus* se fundem numa só quando chegam a Maria. A prece torna-se uma canção, na qual se misturam constantemente o *fiat* e o aleluia.

7. TRINDADE: FOGO, CHAMA, MOVIMENTO

Parece-me haver momentos, neste livro, em que eu escrevo com minha mente e meu intelecto e outros em que não pareço usá-los. Esta última forma é extremamente agradável, porque tenho a impressão de cair numa espécie de vácuo. Há um profundo repouso neste vácuo misterioso, onde o Espírito Santo parece estar presente bem no fundo de meu coração. Em tais momentos, penso, é ele quem escreve.

É provável que seja uma ilusão. Mas, ilusão ou não, o certo é que esta sensação é maravilhosa: é como se eu estivesse de joelhos, ao lado do meu Senhor, que me ensina as coisas que escrevo. Ninguém duvida de que ele seja a melhor fonte de toda história, de toda filosofia e de toda teologia.

Mas, voltando ao nosso *sobornost*, agora é hora de falarmos sobre a Santíssima Trindade.

Vocês sabem muito bem, queridos amigos, que existe mistério em *sobornost*, esta plenitude e união de que estamos falando, mas muito maior ainda é o mistério que envolve a Santíssima Trindade. Desde criança nos foi dito que sobre este assunto não se pergunta nem se ensina, porque ninguém consegue explicar um Deus em Três Pessoas. E não seria eu quem irá tentar explicar o mistério dos mistérios.

Entretanto, neste vácuo imponderável e impalpável da Trindade, existe algo que me convida e me impele a falar. Um impulso e uma urgência, como se milhares de vozes sussurrantes pairassem neste vácuo, dizendo-me: "Avante! Por que não? Por que não falar desta Trindade que você tanto ama? Este

amor é razão suficiente para você falar sobre ela; é também a única que existe". Realmente, os que andam por aí, envoltos nos encantados véus de seu círculo teológico, filosófico, histórico e outros mais, estes nunca chegarão a penetrar nem de leve o mistério, se se confiarem exclusivamente em sua própria inteligência. ..

É maravilhoso pensar na Trindade em relação com *sobornost*, porque nela está a plenitude da união e da unidade. É como se a gente estivesse, de repente, na casa de Nazaré, na hora do jantar, com mesa posta. Lá estão Jesus, Maria e José, na união perfeita de vida, alma e coração: *sobornost* de trindade na terra.

Ante esta cena de Nazaré, nossos olhos se abrem, subitamente, e vemos, então, a Trindade invisível que Rublev pintou como três anjos sentados à mesa, numa ceia. É uma imagem diferente. Talvez seja a mais linda representação de "Santidade" que jamais se tenha feito. Rublev era russo, mas sua Trindade cativou os corações de milhões de pessoas dentro e fora da Rússia. Destas, algumas entendiam de arte e outras entendiam algo mais do que simples arte; entendiam, por exemplo, que os pintores de esculturas russas caem, às vezes, numa espécie de vácuo, onde suas imagens são pintadas por outras mãos que não as deles. É como se eles apenas estivessem copiando o que se apresenta à visão interior de seus corações. Sim, é exatamente isto que acontece algumas vezes.

A Trindade se me apresenta primeiro e acima de tudo como fogo e chama em perene movimento. O movimento se traduz em meu coração como

criação, porque, de fato, criar é mover-se e pôr algo em movimento.

A Trindade é criativa. Fogo, chama e movimento que vai, ao mesmo tempo, para fora e para dentro! Eis que, subitamente, ou não subitamente, este fogo, esta chama e movimento se dividem, como uma cortina que se abre num palco e eu entro, então, no reino fantástico da fé, uma fé de cuja existência nunca suspeitei. Agora eu vejo, sem ver. Ouço, sem ouvir. Creio com uma fé chamejante que parece subir do meu coração para o coração de Deus!

Credo! Creio que há Três Pessoas na Trindade. A cortina de fogo e chama movimenta-se, entreabre-se e, entretanto, eu não vejo três pessoas. Nada de ancião de barba branca e de homem moço ao lado, com uma pomba pairando sobre os três! Não vejo nada disso, mas eu sei que os três lá estão e, quando a cortina flamejante se abre, eu contemplo Unidade!

Contemplo o que o *Credo* me ensina: "Três em um". Incrível, não é? "Três em um e um em Três." Conheço agora a perfeição da unidade. Agora sei o que é *sobornost*: a perfeição da unidade, a canção eterna de Deus.

Toda beleza que existe aqui embaixo, na terra, é apenas eco da canção de Deus, da música divina lá de cima, baseada sempre no tema da unidade entre Pai, Filho e Espírito Santo.

No meio desta unidade, vive também Maria. Ela não está na Trindade, evidentemente, mas, de certo modo é envolvida por ela, de maneira muito

singular e muito íntima, porque seu "*fiat*" ressoa tanto no céu como na terra, o "*fiat*" que fez dela filha do Pai, mãe do Filho e esposa do Espírito Santo.

Contemplando tudo isso, eu vejo a Trindade envolvendo também a humanidade inteira. É difícil explicar como. Quando se está naquele vácuo de que tenho falado, as coisas são diferentes e as palavras também. Ao usar o verbo "envolvendo", quero dizer que a Trindade é uma Unidade envolvente e que sua canção é um eco desta unidade. Eis por que a música (a boa música!) é sempre envolvente e une tanto as pessoas. Mas, sabem de uma coisa? O demônio também tem ouvidos e faz tudo para introduzir suas desafinações na harmonia da unidade cristã. E o pior é que ele o consegue!

Graças a Deus a harmonia da unidade nunca deixa de chegar até nós, vinda mesmo do seio da Santíssima Trindade. Com ela vem também a paz, aquela da qual Jesus dizia: "Eu vos deixo a paz; eu vos dou a minha paz. Não vo-la dou como o mundo dá. Não se perturbe o vosso coração nem tenhais medo" (Jo 14,27).

A paz de Cristo, a princípio, parece perturbar-nos, por ser sinônimo de entrega total de nossa vontade à vontade de Deus, disposição e prontidão para o martírio, a qualquer hora, para holocausto em favor do povo de Deus. Ela significa também aceitação da dor, algo assim como um beijo de Cristo, para usarmos a expressão de um escritor místico. Mas a impressão de perturbação é apenas inicial, enquanto dura a nossa resistência. Se

aceitarmos a paz de Cristo na sua realidade total e com todos os riscos que ela envolve, bem cedo conheceremos a alegria e a liberdade. Asas misteriosas nos levarão não somente ao topo da Montanha Santa, mas bem mais longe ainda: ao coração mesmo da Santíssima Trindade.

Quando Cristo nos disse: "Eu vos deixo a minha paz", ele queria dizer também, é óbvio, a paz do Pai e do Espírito Santo; mais ainda: junto com a sua paz ele nos deu o próprio Espírito Santo, prevendo que todos nós teríamos medo da paz que vem da Trindade Santa.

O Deus Uno e Trino também nos deu a ordem de amar. A contemplação deste mandamento nos faz perceber algo da essência do amor que é fogo também e chama em movimento. Chama que envolve tudo e todos, amigos e inimigos. É o amor que dá a vida, cantando aleluias ou palavras de perdão por quem desejou subtrair-nos a vida. É o amor que não busca o que é seu e dá tudo o que tem, com mão aberta e generosa. É o amor enamorado da pobreza e, mais ainda, do Deus dos pobres. Deste amor, tal qual ele existe em sua fonte eterna, o seio da Trindade, é que tudo surgiu e continua surgindo, inclusive nosso coração que reflete ou deveria refletir a beleza do amor da Santíssima Trindade.

Deus é pai e mãe de tudo quanto existe, desde as riquezas incomensuráveis do firmamento, com suas infinitas estrelas e galáxias, até o nosso pequeno planeta.

Sim, a Trindade é a semente eterna do amor, da

paz, da harmonia e como estes elementos trazem consigo a união e a unidade, estas três pessoas divinas são também a fonte inexaurível da unidade cristã ou do *sobornost* em sua perfeição: a união entre Deus e o homem. E aí está a palavra definitiva de Javé: "Pode, porventura, uma mãe esquecer-se do filho que ela própria gerou?... Pois mesmo que ela o esqueça, eu não o farei" (Is 49,15).

8. UMA NOVA CRIAÇÃO

“Todo aquele que está em Cristo é uma nova criatura. Passou o que era velho; eis que tudo se fez novo. Tudo isso vem de Deus que nos reconciliou consigo, por Cristo, e nos confiou o ministério desta reconciliação.

Porque é Deus que, em Cristo, reconcilia consigo o mundo, não levando mais em conta os pecados dos homens, e põe em nossos lábios a mensagem da reconciliação. Portanto, desempenhamos o encargo de embaixadores de Cristo e é Deus mesmo que exorta por nosso intermédio. Em nome de Cristo vos rogamos: ‘reconciliai-vos com Deus’.” (2Cor 5,17-20)

Aí está; São Paulo condensou toda esta imensa grandeza numa casquinha de noz. Se pertencemos a Cristo e estamos nele, somos uma criatura nova. Também isto é a essência, o coração do *sobornost*. Os que entendem ou se esforçam para entender a essência da unidade, cedo percebem que é necessário tornar-se uma nova criatura a fim de conseguir inserir-se nesta unidade.

Sobornost, unidade, união é a expressão da harmonia interior do coração onde todos os sentimentos, vontades e aspirações são, por assim dizer, orquestrados por Deus. E Deus faz isto unindo-nos, reconciliando-nos a si mesmo, através de Jesus Cristo, conforme as palavras de São Paulo que acabamos de citar. É importante contemplar esta verdade com os olhos da mente iluminada pela oração e descer, na meditação, às profundezas desta tremenda verdade, desta nossa nova dimensão humano-divina que Deus nos concede na sua infinita

bondade.

Deus nos reconciliou consigo através do Sangue de Cristo. Fazendo-se obediente até à morte e morte de cruz, Jesus tomou sobre si nossos pecados. Somente desta forma ele podia tornar-se o traço de união entre nós e o Pai.

Agora, não somente estamos reconciliados com o Pai, mas também podemos nos reconciliar conosco mesmos e com nossos irmãos. Devemos nos transformar em embaixadores de Deus, portadores de perdão, de reconciliação e de *sobornost*. Da mesma forma como Deus agiu conosco através de Cristo, ele quer agir com os outros através de nós, para a construção da unidade. Ajudar os homens a se reconciliarem consigo mesmos, é o grandioso trabalho de Deus em nós. Este é um desafio que ele nos faz, como parte essencial do nosso batismo. Não se trata de qualquer coisa opcional, na vida cristã; algo que eu possa aceitar ou recusar... Nada disso! É parte integrante de nosso batismo! É a nossa *nova natureza* ou *nova criação*, na expressão de Paulo.

Eis aí aonde nos leva *sobornost*, esta plenitude de união. Eis como deveria ser nossa vida religiosa e cristã. Será que ela é, de fato, assim? Já chegamos à percepção maravilhosa de que somos ou devemos ser uma nova criação? Estamos preparados para a missão e o risco de nos reconciliarmos conosco mesmos, para depois podermos reconciliar nossos irmãos e todos os homens, uns com os outros? Este é um trabalho árduo; foi por isto mesmo que falei de risco. *Sobornost*, a consumação da união, envolve riscos, porque leva a profundezas inauditas, de um lado, e a alturas incomensuráveis, de outro!

No processo de tentar fazer o que São Paulo nos apresenta e que eu venho explicando, seremos rejeitados, desprezados, incompreendidos. É como se o demônio descesse ao mar de todas as emoções humanas e as agitasse em furiosas tempestades, atirando as ondas contra nós. Teremos o inferno solto ao redor de nós, dentro de nós: em nossas mentes e em nossas almas. A própria luz de Cristo, suas palavras, parábolas e ensinamentos luminosos, farol para nossas jornadas e as de nossos irmãos, até esta luz se envolve em névoas, criadas por nós mesmos, quando procuramos escondê-la atrás de algum móvel, atrás de alguma sofisticação, indiferença ou racionalização; debaixo de alguma religião mais fácil, menos exigente e até mesmo debaixo de... religião nenhuma! Tudo se torna cartilagem dura e intragável, quando se trata do confronto decisivo entre a união com Deus e as exigências da nossa natureza. Eis aí os riscos da união e do *sobornost!*

Quando eu disse *confronto*, acima, eu queria dizer a "encarnação do evangelho" em nossa vida. É disto que nós fugimos. Fugimos em lugar de rezar aos gritos, clamando por coragem: "Senhor, eu clamo a ti das minhas profundezas; escuta a voz da minha súplica. Dá-me coragem. Eu creio! Mas ajuda minha fé vacilante!". Em vez de rezar assim, ficamos calados e nos escondemos.

E o interessante é que arranjamos um jeito de nos escondermos desses confrontos fundamentais até mesmo na solidão dos retiros e dos "encontros" de oração. Eis aí um bom lugar para muitas pessoas se esconderem do "essencial". Lêem-se uns trechos da

Bíblia, do evangelho, dorme-se um pouco, passeia-se e... um pouco de jejum também ajuda: melhora o peso, a silhueta! É uma forma excelente de relaxar-se. De qualquer modo faz bem, porque nos espiritualiza. Se, por acaso, a exigência dos confrontos fundamentais do evangelho vem ao nosso encontro, num retiro destes (e como ela vem!), sempre há um jeito de nos esquivarmos dela dormindo e sonhando de olhos abertos, coisa que muita gente confunde com oração!

O que estou querendo dizer é que até mesmo na casa do Senhor, as sutilezas do nosso comodismo arranjam modos de se esconderem dele. Os verdadeiros retiros, de corpo, alma, vontade, inteligência e coração, sempre foram e continuarão sendo os grandes pontos de encontro do homem com Deus e consigo mesmo.

Em Madonna House nós temos os *poustinia*, que já não são novidades para meus leitores. Para eles correm pessoas de todas as idades, porque Deus não olha para idade física, mas sim para a idade do coração, que é infância espiritual. Quem tem um coração jovem, não importa qual seja sua idade cronológica, ouve dentro de si a grande voz do Esposo que convida: "Levanta-te e vem!". E inúmeros são, nos dias de hoje, os que estão ouvindo e seguindo o chamado desta voz que, eventualmente, os leva a algum *poustinia*, a alguma forma de retiro total. Para estes encontros, ninguém leva muita bagagem e a pouca que levamos logo nos é tomada.

Sim, eu escrevi um poema sobre isto...

VIAGEM INTERIOR

Meu espírito
estava faminto
de Deus
antes que fosse vestido
com o corpo.

Mas, veio um tempo
em que ele se fechou
nesta prisão de carne
que sou eu...
E foi então
que meu espírito adormeceu.

E todo aquele que dorme,
não sabe o que é ter fome.

Nalgum ponto, porém,
do caminho que passa
ao longo da existência,
pelo favor da graça de Deus
e sua onipotência,
minh'alma despertou.

E sua fome,
agora,
transformou-se em fogo imenso
que me consome,
que me devora
com seu calor intenso.

Esta chama sagrada
não me deixava mais
ficar parada,
um só momento,
e eu só tinha repouso
no movimento.

Num movimento
constante
de corpo e pensamento
que me levou adiante
até chegar a Deus.

E foi assim estimulada,
sem voz de fora ou lei,
só com o fogo
que, afinal, comecei
minha jornada
pelo meu interior.

Jornada assim,
longa e sem fim,
é caminhada
que, desde o amanhecer,
todo homem ou mulher
deve empreender
se, em verdade, quiser
chegar a Deus.

Jornada estranha,
em campo aberto
ou vale estreito, entre montanha;
hoje entre flores
e amanhã num deserto
cheio de ardores.

Jornada ao longo de caminhos esquecidos
que não passam de trilhos,
sem rumos e sem brilhos,
retorcidos...
ora subindo,
ora caindo.

Jornada cheia
de mil curvas fechadas
e multidões
de encruzilhadas
que confundem as opções
e exigem paradas
para descanso.

Mas, a fome de Deus
que eu levo comigo
não conhece descanso; ela é exigente!
Então eu sigo...
Ela é tremenda e persistente!
Então eu sigo...
cada vez mais pra frente.
Ela é constante e forte!
Então eu sigo...
até a morte!

Jornada esquisita a minha
que, pouco a pouco, faz
com que, enquanto caminha,
minh'alma vá deixando para trás
toda a bagagem
que ela própria pegou para a viagem!

Bagagem que escolhi,
anos atrás,
quando parti
buscando o ninho
do amor, da paz,
sem saber que qualquer bagagem é demais
para esse tipo de caminho!

Pobre bagagem...
Já nem sei
em que ponto desta viagem

eu a deixei...
Ficou, talvez, esquecida,
abandonada
nalguma curva da vida,
nalguma encruzilhada.

Sem fardo algum, enfim,
estou agora.
Mas, há peso demais ainda em mim,
carga que traz demora,
gera cansaço
e lentidão de passo.

Mas a fome interior, esta fome insistente
continua a impelir-me sempre mais pra frente.

Ela exige de mim mais lepeidez,
mais pressa,
como a dos corpos celestes.
É preciso, talvez,
que eu jogue por aí, peça por peça,
as minhas próprias vestes.

Ali, naquela pedra dura,
devo depor meu manto,
despir-me até desta quentura,
deste egoísmo que eu prezo tanto.

Sem este manto,
mesmo com o frio atroz
que me consome,
posso ser mais veloz
na maratona
deste caminho santo, desta fome
que me impulsiona.

Ali, naquele galho, eu vou deixar pendente

e pra sempre esquecido
meu amor-próprio, esse vestido
que tanto envolve a gente com calor
de excessivo carinho
e deixa o coração comprometido
com as flores que estão ao lado do caminho.

Ah... como o frio agora é mesmo horrendo!
Chego a tremer até!
Mas, pouco importa, pois estou correndo
tal como se tivesse uma asa em cada pé.

Naquela rocha, ali, bem abrigada,
urge eu deixe também minha roupa interior...
E lá fica, portanto, abandonada,
esta auto-indulgência
com que trato tão bem minha própria existência.

Aí fica, dobradinha,
esta ambição mesquinha
de amontoar, de ter!
E os sonhos de conforto e de prazer.

Bem a seu lado,
também eu deposito
num monte, assim, desordenado,
tudo que, em mim, não é de Deus e do infinito...

E, agora, meu Senhor, escutai minha voz:
quereis que eu nada, nada mais possua?
Pois eis-me, então, aqui diante de vós,
de joelhos bem despojada e nua!

Mas, uma asa eu trago em cada pé
e nada mais detém
minha marcha, esse ímpeto da fé
o qual, mais do que marcha, é meu vôo para o além!

Além das aparências deste mundo,
mas bem dentro de mim, bem cá no fundo!

Pobre de mim... que digo?
Eu que já, desde o começo,
mal consigo
dar dois passos sequer sem um tropeço!
Eu que escorrego e caio tanto
e tão a custo me levanto...
Eu que só preocupada com descanso,
ando tão devagar nas minhas trilhas,
que meu avanço
se mede mais em palmos do que em milhas!

No entanto, mesmo assim,
esta fome divina por meu Deus,
sem voz nem fala,
esta tremenda fome diferente
adquire som em mim,
como um chicote que estala
e me impele pra frente!

Mas, espere, eu tinha-me esquecido
de tirar a sandália
que o pé ainda deixa protegido
e tão bem o agasalha
contra espinho e contra pedras do caminho.

Minha sandália! Amiga dos meus passos,
que me envolve estes pés como em abraços,
como deixar-te,
última proteção de um corpo despojado,
último baluarte,
o forte derradeiro
pra defender-me do Arco do Flecheiro,
o grande Amante e grande Amado!

Aí, agora, hesito e meço a altura...
Olho o infinito:
a marcha é dura!
Contemplo o cume,
olho o caminho,
penso no gume
de pedra e espinho...

Mas, esta fome que me queima
é uma chama interior
de amor que em mim crepita
e, persistente, teima,
me impele e agita
pra frente, sempre mais pra frente!

É preciso avançar, nesta jornada interna
pela estrada que leva
para longe da treva,
ao face a face da luz Eterna,
da qual, há tanto tempo, ando faminta.
E então... sandálias minhas?...
Vocês também devem ficar, por mais que eu sinta,
ó coitadinhas!

Foram-se hesitação e cálculos e medos!
Arqueado o peito,
estendo para baixo os meus dois braços:
rápidos dedos,
talvez meio sem jeito,
desfazem os dois laços,
os dois frágeis cadarços
destas sandálias
que ainda me prendiam como malhas.

Atiro-as para longe: uma à direi
O que conta é a doação total, perfeita
que deixa os laços todos para trás!

Eis-me livre, afinal, e uma ansiedade
trepidante, feliz, estimula agora
minha grande fome e, na verdade,
nada mais, no caminho, os meus passos retêm.

Sinto-me, assim, qual gigantesca ave,
desempedida e nua,
inteiramente livre, sem entrave,
que, com asas nos pés, corre, voa, flutua!

Asas imensas, asas em festa,
que me levam, de leve, sobre a aresta
de todas as pedras do caminho.
E os espinhos daninhos, sem carinho,
abrem-se ante meus pés e dão passagem
para esta minha viagem.

A minha vida,
ei-la, agora, sem amarras e sem freios;
nua e despida
de tudo que a segura
na marcha para a altura,
sem ânsias nem receios,
intensamente impulsionada
pela fome de Deus, pura e sagrada!
E quanto mais eu nesta fome me concentro,
impetuosamente avanço sempre mais pra dentro!

Eu não sabia
que as subidas celestes
iam ficar, um dia,
tão fáceis como agora,
depois que minhas vestes
foram jogadas fora.

Neste momento eu sei, neste momento... quando

a minha fome interna está se saciando
em plenitude;
agora, quando estou
correndo pelas trilhas da virtude,
sem temor de pecados,
neste meu grande vôo
de pés alados,
sempre mais alto,
pelos caminhos escarpados, sem sobressalto!

Sacia-te, sim, ó fome sem pecados,
pra que eu possa, depois que tu estiveres satisfeita,
ir saciar também todos os seres
com o resto destes pães multiplicados
que sobrarão em mim.

Meu espírito
estava faminto
de Deus,
bem antes, muito antes
que se vestisse
de carne. . .

Deus nunca espera em casa
o espírito que bate asa,
asa do coração, asa da mente,
em busca do seu mundo interior!
Deus desce... e sempre o encontro se efetua
a meio caminho,
desde a hora em que a alma impelida
por esta fome que por ele sente,
bem corajosa e decidida,
consente
em denudar-se totalmente.

Este é o segredo
que o seu amor e que o seu reino encerra

e que começa já aqui na terra,
aqui neste degredo.

Mas, o preço, repito ainda uma vez,
*é a nudez completa
que exige a nossa fé!
Nudez que, em toda parte,
pede ao homem se despoje
até mesmo da sandália do seu pé!*

9. PEREGRINAÇÃO INTERIOR

O poema, que o leitor acabou de ver nas páginas anteriores, contém, realmente, os fundamentos desta união que estamos procurando descrever e tirar de dentro do rico conteúdo desta palavra russa, *sobornost*. É uma união que se desfaz de tudo, que atira para longe todas as noções preconcebidas, temores, hesitações e, eventualmente, conduz a alma a um *Poustinia*, o deserto vivo do retiro e da meditação.

Confesso que tem sido mais difícil escrever sobre *sobornost* do que o foi sobre *Poustinia*¹. Talvez porque *sobornost* atinja maiores profundezas. Sem dúvida, *poustinia* tem também profundidades e alturas, incomensuráveis; mas a gente as atinge gradativa e lentamente. Nas profundezas de *sobornost*, porém, você mergulha de ponta cabeça, de uma só vez. As verdades e belezas que constituem os fundamentos desta realidade maravilhosa nos deixam estonteados. Ou, talvez, não, porque tudo isto é profundamente natural, sobrenaturalmente falando!

É exatamente aí que está a dificuldade maior. Quando se entra em tais assuntos de *poustinia*, *sobornost*, união, peregrinações interiores, entra-se na órbita do sobrenatural e este se torna natural, se

¹ Cronologicamente este livro de Catarina de Hueck Doherty foi escrito depois de *POUSTINIA*, uma obra mais vasta de quase 300 páginas. *Poustinia* foi premiado pela Academia Francesa. O leitor também poderá ter uma idéia do sentido da palavra (deserto, solidão) lendo "**Apresento-Ihes a Baronesa**", desta editora, já em 3ª edição. (Nota do Tradutor)

o leitor percebe o que pretendo dizer. Você quase se esquece — é a impressão que fica — de que existe o natural... É claro que a graça supõe a natureza e constrói sobre ela, mas, a verdade é que, por uma espécie de curioso mistério, quando você se envolve todo na atmosfera do sobrenatural, a natureza parece deixar de existir. Não quer isto dizer que você saia fora da natureza; é simplesmente isto: neste mundo inenarrável do divino, o Senhor descortina ante nós perspectivas e dimensões nunca sonhadas; uma nova dimensão de vida que você jamais suspeitou existir.

O capítulo anterior, em forma de poesia, é uma espécie de roteiro desta peregrinação interior que leva ao *poustinia*. A poesia foi composta quando eu enfrentava minha própria peregrinação, em profundidade, tempos atrás, em Rhode Island.

Eu estava dando uma série de palestras a uma comunidade de freiras, Damas do Sagrado Coração e, certa noite, não conseguia dormir. Fui, então, à capela, onde me veio a idéia da peregrinação. Voltei ao quarto e escrevi a poesia que logo enviei ao meu diretor espiritual. Esta é sua origem. É um poemeto que nunca mais me saiu do coração e, cada vez que o releio, com o passar do tempo, vou-me convencendo de que ele representa a história da minha vida e os fundamentos de *sobornost*. Numa forma poética, eu procurei enfatizar a importância de deixar cair, deixar para trás, em mim, em você, em todos nós, tudo o que não é Deus nem de Deus. Carregamos tanta bagagem inútil pela vida afora! Bagagem, peso, carga... o nome pouco importa!

Temos uma idéia muito curiosa de peregrinação. Os

hippies levavam pouquíssima coisa consigo em suas andanças... Mas, naturalmente, eles tinham lares, suas casas, suas famílias, suas posses nalguma parte, apesar de procurarem ser peregrinos. A nossa peregrinação não consiste em abandonar unicamente casas e possessões, como fazem os peregrinos tradicionais da história. Esta de que falo nos convida a ir muito mais longe e mais fundo. Toda peregrinação é uma idéia maravilhosa. É belo, realmente, lembrar esta juventude da década de 60, de mochila às costas, com pouca coisa dentro, vestindo calças jeans... Essa juventude riscou as estradas do mundo em todas as direções e chegaram, muitos deles, até a Índia, em busca de um sonho, em busca da verdade ou de qualquer coisa que eles julgavam importante.

A nossa peregrinação interior, porém, é feita de modo diferente. Quem quiser empreendê-la deve, antes de tudo, se for jovem, pedir a bênção de seus pais, se estiverem vivos. Sem esta bênção, a peregrinação não dá certo. Depois, vai-se à igreja do seu bairro e pede-se a bênção do padre. Finalmente, com o coração cheio de bênçãos, ele parte, sem levar nada consigo. Não está partindo para um santuário ou para algum mosteiro! Está pondo-se a caminho numa *peregrinação interior*, para se tornar nu e despojado como Cristo ficou despojado e nu sobre o Calvário.

Nesta caminhada para dentro, nada se deve guardar para cobrir o nosso "eu", nem sequer os sapatos. Só então começamos a ver e entender. Só então estamos preparados para pregar o evangelho. Aí é que a aresta das pedras não machucam mais e a

ponta dos espinhos se viram para o outro lado.

Aí é que nossa vida se torna mesa posta, cheia de iguarias para partilharmos com todos. Sobretudo, você mesmo se torna um dom para os outros; você purificado e transformado. Tocadas pela mão miraculosa de Cristo, suas enfermidades desaparecem: sua febre, sua lepra. Agora está limpo, curado. Até a própria morte é destruída e você ressurge de entre os mortos se, por acaso, estava morto. Um mistério incompreensível e fantástico: você não é mais a mesma pessoa. Não, agora, misteriosamente, você é outro ou outra!

A partir desta grande experiência, adquirimos um coração novo, um coração de criança que se toma nas mãos e se levanta para Deus, dizendo com Maria Santíssima: "Faça-se em mim de acordo com a tua vontade". É a hora da entrega total, igual a de Jesus Cristo. Há um momento, talvez, de passageira hesitação da natureza, que nos faz dizer: "Pai, afaste-se de mim esse cálice!", mas imediatamente vem o complemento, a vitória do espírito e da graça que acrescenta: "mas não se faça a minha vontade, e sim a tua". Para chegar a dizer isso, a gente tem que ser, realmente, "outra pessoa", alguém cuja *vontade* esteja completamente unificada com a de Deus, desejando e buscando ambas o mesmo objetivo e tendo os mesmos desejos. Já não se verifica o conflito dessas vontades, a nossa e a divina. Esse tempo passou. Agora estamos unidos a ele e o *sobornost* começa, a união cresce em nosso coração e a gente sente a imensa alegria de comunicá-la aos outros.

Tudo isso é muito simples e, ao mesmo tempo, não

é tão simples quanto pode parecer. Vejamos. A jornada para dentro leva-nos a um *poustinia*. Não se trata, porém, de uma cabana solitária, feita por mãos humanas, no meio das árvores, ou um quarto em alguma parte. É um *poustinia*, um retiro *interior*, um deserto vivo, dentro de nós, resultado da peregrinação que nos despojou de tudo quanto é terreno e nos deixou de coração vazio, limpo e simples, local ideal para a gente descansar e ter paz. Aí não chegam nem nos atingem preocupações, nem ninharias, nem frivolidades. Nosso coração se transforma numa choupana de retiro, num chão limpo sobre o qual é bom dormir, numa mesa de cozinha cheia de alimentos: as Escrituras Sagradas que você lê, absorve, assimila.

Em tudo isso não cabe, de fato, a palavra construção. É um retiro lá dentro de você. É uma simplicidade, como uma luz lá bem no fundo, tornando-nos transparentes. E é sempre da parte de dentro que está o trinco ou a chave para a gente abrir o coração a quem quer que seja, especialmente para Deus que experimenta verdadeiras delícias em entrar e descansar dentro de nós, num tal retiro.

É lá, no íntimo desta solidão, que o Espírito Santo nos ensina e nos instrui sobre as riquezas infinitas de Deus e da Igreja, nascida do lado aberto de Cristo, salvação dos povos, Corpo Místico do mesmo Cristo e do qual ele é a cabeça. Neste retiro, neste deserto interior, ficamos sabendo quem é a Igreja e o que Deus espera de nós, tanto a respeito dele próprio como a respeito do seu povo e de todo o mundo.

Aí é que ele nos convida a sermos embaixadores seus, não como um "emprego" temporário,

mas.como missão definitiva, decorrente do nosso batismo e parte essencial do mesmo. Como consequência desta missão, torna-se parte integrante de meu cristianismo pregar o evangelho, mesmo com o risco de minha própria vida. E pregar um evangelho sem restrições! Nas profundezas deste deserto interior, ao meditar em todas estas verdades, ao olhar para si mesmo, frente a frente, face a face... aí é que você treme! Mas é também aí que a união se robustece e cresce o *sobornost*.

Aí você ficará conhecendo o preço do Amor, este Amor ao qual Cristo convida todos os seus seguidores. Terá que decidir-se a enfrentar todos os riscos desse Amor, porque ele disse: "Ninguém tem amor maior do que aquele que dá a vida pela pessoa amada". O preço e os riscos desse amor podem levar até à morte física!

De todos estes riscos, talvez o maior seja *sobornost*, a plenitude da união. Sim, porque depois de sua peregrinação interior e do seu *poustinia* — esse retiro lá dentro de si mesmo, onde a vontade de Deus se mescla com a sua — você passará a conhecer a dor constante da crucifixão e a alegria perene da ressurreição. Aí também você conhecerá a liberdade total que irá atingi-lo até as últimas raízes do seu "eu" mais profundo. Mas é preciso que não se esqueça de Satã que continuará rodando seu deserto interior, como o leão de que nos fala São Pedro. Ele tem o poder de tentar-nos, poder que Deus lhe deu com o fim de testar, robustecer e fazer crescer a nossa fé.

O próprio Jesus Cristo fez uma peregrinação ao deserto e foi também tentado. Por que não o

seríamos nós? O demônio é tão moderno quanto nós. Em cada geração, em cada nova década da história humana, ele escolhe os pontos mais vulneráveis, os que ele possa ferir mais rijamente, os que causem mais dano à união, os que mais rapidamente nos conduzam à Torre de Babel.

Talvez, nos tempos que vivemos, as tentações sejam mais de ordem psicológica. Ele poderá atirar contra nós as pedras das nossas próprias emoções. Então, mais do que nunca, precisamos entrar no reino da fé pura! O seu retiro interior, aquele que fez no íntimo do coração e ofereceu a Deus, você deve enchê-lo *desta fé*.

Cada vez que Satã lhe atirar suas pedras, lembre-se de Jesus, quando voltou à sua própria cidade de Nazaré e sua gente, seus vizinhos, seus colegas quiseram apedrejá-lo. Nesta ocasião, conta-nos o evangelho, ele se tornou invisível e passou entre eles, sem sofrer dano algum. Assim será com você, comigo, com todos nós! As pedras do inimigo não nos atingirão e passaremos incólumes por entre elas.

Eis, pois, aí, a finalidade e o papel de sua peregrinação interior: uni-lo com Deus e ensinar-lhe a unir-se com todos os seus irmãos. E assim chegamos sempre ao mesmo grande ponto, porque esta união é *sobornost!*

10. NO ESTAGIO DA CONTEMPLAÇÃO

Peregrinação interior, *poustinia* ou retiro íntimo, tudo isto são conhecimentos que só Deus nos pode dar e constitui, ou deveria constituir, a jornada de todos os homens, desde o batismo até sua morte. E assim, mais uma vez, voltamos à essência do batismo, que é ainda, infelizmente, um sacramento bastante negligenciado. É verdade que parece estar crescendo em importância, recentemente, mas continua sendo pouco comentado pelos que escrevem sobre assuntos religiosos e pouco conhecido por grande número de fiéis batizados.

Ser batizado na morte e ressurreição de Jesus Cristo equivale a receber a chave do coração de Deus. Não é fácil explicar isso. Mais uma vez, é o próprio reino da fé, em sua dimensão e profundidade, que se apresenta ao nosso olhar. É a constante subida da montanha do Senhor, que se eleva ante nossos pés. Pouca gente consegue avaliar tais grandezas. Menor ainda é o número dos que desejam entrar nas profundezas deste mistério, porque ser batizado em Cristo é ressuscitar com ele, o que significa tornar-se um contemplativo.

Contemplativo não é a mesma coisa que místico, como a Igreja ocidental denomina alguns de seus santos que experimentaram fenômenos extraordinários em sua vida religiosa. Não. Ser contemplativo é um dom de Deus que decorre do próprio batismo, como parte integrante dele. Sim, porque ser batizado é mergulhar em águas estranhas, santas e misteriosas; águas que se tornaram tais, porque Cristo as purificou através do seu próprio batismo. Agora, estas águas

sacrossantas se ajuntam, investidas que todas estão de um grande sacramento, correm para cada um de nós e nos transformam. Ninguém sai do batismo da mesma forma como nele entrou. Pouco importa que se trate de um bebê, um adolescente, um adulto ou um velho. As águas deste sacramento limpam, purificam e curam, além do poder de compreensão entre os homens. Naquele momento de imersão ou quando as águas correram pela nossa testa, tornaram-nos homens novos. Totalmente novos!

Convém anotar e considerar isto bem a fundo: a criança, o jovem, o adulto ou o ancião que sai destas águas santificadas por Deus, sobe delas tão puro, tão claro, tão transparente, que a gente parece ouvir as vozes de Deus falando com ele! Ele ouve, certamente, estas vozes. Ouve-nas, sim, nalgum ponto de sua vida, como Adão e Eva as ouviam no sussurro da brisa e dos ventos vespertinos: "depois ouviram o ruído do Senhor Deus que passeava pelo jardim, à brisa do dia..." (Gn 3,2). Pelo fato de ouvirem estas vozes, os batizados tornam-se contemplativos, isto é, deveriam tornar-se tais, se dessem atenção a elas.

Eles foram criados para este grande momento, para esta grande hora: a hora da partida em busca do coração de Deus. Todos saímos da mente de Deus e devemos agora caminhar para o coração de Deus. O caminho é claro e bem traçado para nossos olhos e para os nossos pés pelo próprio Cristo: "Eu sou o caminho"! É isto que devemos fazer; mas dificilmente o faremos se não

formos contemplativos. E aqui voltamos ao nosso *sobornost*: nunca seremos contemplativos se não nos tornarmos "um", porque contemplação conduz infalivelmente à união total. Não importa quais sejam nossas atividades e ocupações, o coração de cada um de nós deve sempre estar preparado e disposto para ser contemplativo, para ouvir a voz de Deus e segui-la, unindo-se a ela, identificando-se com ela pela vida afora.

O batismo é, pois, em verdade, a chave para o coração de Deus. Chame este coração de céu, se quiser, porque, de fato, se o céu não for o coração de Deus, que poderá ele ser? Aí estamos nós em plena contemplação: o batismo é caminho para o coração de Deus... este caminho já é céu, porque Cristo é o caminho e ele é céu também. Portanto, seguindo Cristo já estamos no céu... Tudo tão simples, tão transparentemente simples!

Infelizmente, porém, somos humanos, sujeitos a emoções, sentimentalismos, medos — medo do risco — e a tantas outras coisas que nos ameaçam neste nosso século sem fé. E além de tudo isso, Satanás continua no meio de nós. É por isso que os caminhos se bifurcam, muitos se desviam da direção certa e até chegam a tomar rumos opostos.

Como dissemos, no capítulo anterior, a vida cristã é uma peregrinação que nos leva a um *poustinia*, um deserto íntimo, lugar de meditação e de contemplação. Talvez, antes de partir, tenhamos pedido a bênção ao pai, mãe, Padre Vigário... Talvez não tenhamos mais nem pai nem mãe... Resta-nos então a necessidade de seguirmos

a bênção e a orientação de um diretor espiritual. Loucos e insentados são todos aqueles que querem dirigir-se a si mesmos, que se aventuram pelos caminhos do espírito sem a orientação de cima. Quem a tal se atreve, não estará caminhando pelas estradas de Cristo e acabará esquecendo-se de que somente ele é o caminho!

É exatamente por ser muito difícil seguir as trilhas de Deus, nos caminhos perigosos do mundo de hoje, que o Senhor nos conduz e chama a uma peregrinação diferente — a esta viagem interior, para o ponto em que encontraremos a Deus no íntimo de cada pessoa. Porque "o reino de Deus está dentro de vós", como disse Cristo.

É aí dentro que o encontro se torna livre e definitivo. Uma tal jornada exige o afastamento dos rumores do mundo, aquele despojamento de que falamos, a reclusão, o *poustinia*, o deserto íntimo... que cada um deve fazer para si mesmo. Mãos estranhas não podem construí-lo para ninguém. O caminho de Cristo passa por aí; só por aí. Por este lugar onde você pode rezar e ir atirando fora, peça por peça, toda a sua indumentária inútil de vaidade, egoísmo, emotividade e tudo, enfim, que não é Deus e nem de Deus.

Uma vez feito isso, as portas do coração se abrem para os outros, porque todo aquele que caminha a trilha de Jesus Cristo sempre tem tempo para os outros. Nas cabanas ou *poustinias* de Madonna House, espalhadas entre os pinheiros, há marcas profundas deixadas no chão por centenas de joelhos das pessoas que por lá passaram... Mas um dia todas estas cabanas, bem como a cabana mística

do próprio coração de cada um, vão passar, vão acabar. Não haverá mais chão para marcar com o joelhos, mesa para ler a Bíblia, terra para ser usada como leito... Tudo isto vai passar. Só vai ficar o amor.

E quando isto acontecer, você perceberá, de repente, que está sendo convidado para outra peregrinação. E ouvirá uma voz que lhe diz: "Amigo, suba para mais alto!". Talvez você nem acredite que uma voz misteriosa lhe falou... É tudo um pouco estranho, mas é o fruto do seu batismo. De fato, esta voz não é bem do tipo daquela de que falam os místicos. É uma brisa muito leve, muito suave: "Amigo, suba mais alto!". E quando você olha ao redor, atônito, nada mais vê do que uma imensa montanha. Você não entendeu bem por que deve subir para mais alto... Mas sobe. Nu e despojado como Cristo. Porque fez sua peregrinação interior e passou pelo *poustinia do coração*. E você percebe, subitamente, que ainda está no caminho de Cristo, seguindo seus passos, na sua montanha. A gente se lembra, então, de como Cristo gostava de subir a montes e colinas para rezar, para pregar (o sermão da montanha!) e para transfigurar-se.

Montanhas são lugares de onde você pode enxergar ao longe. Elas descortinam horizontes mais vastos. É o que acontece com quem sobe os caminhos de Deus: os horizontes se alargam na medida em que se sobe. Descanso?... Sim, o Senhor lhe dará repouso. Haverá tufos de flores ao lado dos caminhos. Perfume também. Mas os caminhos irão dar, principalmente, em montanhas frias e nevadas, picos escarpados.... Para quem já subiu tanto, nada disso

tem qualquer importância; o que conta é que, a cada passo, o ar se torna mais puro, mais leve e transparente. A cada passo para cima. E seus olhos atingem distâncias cada vez mais afastadas. Haverá momentos de exaustão quase total, quando você cairá ao solo com a sensação de estar moído ou em pedaços. É isto mesmo. Ser batizado é seguir a Jesus Cristo, morrer e ressuscitar com Ele. Morrer. .. não se esqueça deste pormenor: ninguém segue Jesus sem passar pelo Calvário e pela cruz. Mas é por aí que se entra na luz da ressurreição. É nesta luz, envoltos nesta luz, embebidos nesta luz, que se vêem todos os seguidores de Cristo. Uma luz por dentro que os torna transparentes.

Lá destas altitudes, você vê também a desunião dos povos, das famílias, dos pais e dos filhos, irmãos e irmãs e dos cristãos entre si. E, vendo isto, você cai de novo, como morto, e permanece prostrado, sem saber por quê... Parece que o tempo pára!

Este é o momento da libertação em que o Espírito descerá sobre nós. Ele é o supremo advogado, enviado para resgatar os que caem exaustos, no caminho das alturas, depois de terem seguido Jesus Cristo fielmente, em todos os seus passos. Então este Espírito do Senhor nos levanta e insufla vida nova em nós. Ele reaviva nossa fé, nosso amor, nossa esperança. Você, então, vai compreender que para isto foi batizado: para levantar os outros, levando-lhes paz, harmonia, fé, amor e esperança. A todos aqueles que, durante a vida inteira, o Senhor vai pôr em seu caminho. Seus pés se casaram com a estrada de Cristo e você também se torna *um* caminho com

ele. Nestes cumes de percepção espiritual, você compreende a suprema beleza de caminhar nu e despojado de tudo e passar por um *poustinia* ou deserto interior, onde Deus nos espera com seus dons, os dons do Divino Espírito Santo: ciência, sabedoria, compreensão.

11. CORRENTE DE CORAÇÕES

Daqui por diante, após haver compreendido a necessidade e o sentido da peregrinação interior, do deserto vivo de um retiro dentro de si mesmo e da ascensão da montanha de Deus, você ouvirá, cada vez mais freqüente e persistente, o convite daquela voz que o convida a subir. Uma voz que vem de dentro e que, entretanto, não é sua! Sempre a mesma frase: "Amigo, suba mais alto!". Nesta altura dos fatos é que você perceberá por que motivo *sobornost*, a exigência de união, lançou raízes em você e o levou, naquela peregrinação, ao retiro interior e à montanha divina.

A resposta é muito simples: é que chegou a hora de levar união aos seus irmãos; chegou o momento de cimentar a unidade entre você e eles, lembrando-se de que Cristo morreu por todos os homens, batizados e pagãos.

Quando esta percepção despontar em você, todos os dons de sua alma, dons de amor e compaixão, serão canalizados na direção do apostolado; você nutrirá em si apenas o desejo de se transformar em embaixador de Deus para promover a fraternidade. Pela morte de Jesus Cristo, nós nos tornamos todos irmãos uns dos outros e esta fraternidade consolidou-se depois da ressurreição. Agora uma tarefa de alcance indescritível está diante de você: tornar esta fraternidade vivencial, encarnando-a em sua própria existência e levando a lei do amor para a rua, para as praças e mercados, de modo que se possa ouvir, de novo, aquela frase da Igreja primitiva: "Vede como os cristãos se amam!".

Este é o trabalho da união, do *sobornost*. É nisto que você está "dando a vida pelos amigos", conforme o preceito do Senhor. É por esta razão que você aceita a fé como um compromisso que leva até o martírio, até o Calvário, até a cruz. Talvez, no seu caso, não seja um martírio sangrento, como o de Cristo; mas lembre-se de que o martírio interior também merece este nome. Por tudo isto, enfim, é que você não se cansa de pedir a Deus o dom da fé e continuará repetindo esta prece até o fim de sua vida.

Somente a fé pode realizar esta obra de união que os russos chamam de *sobornost*. Não há outro meio nem outro caminho. Deixe-me insistir um pouco mais (nunca será demais!): Você está percebendo bem de que tipo de união estou falando? É uma união total, completa, de mente, alma e coração. Uma união interior que, uma vez estabelecida, não pode mais ser rompida. Faz parte da unidade espiritual da qual decorre tudo, no reino da fé, onde ela é primordial e suprema.

É nesta unidade espiritual que *sobornost* se nos revela com toda a beleza do seu conteúdo, tornando-se quase palpável para todos os que realmente crêem em Nosso Senhor Jesus Cristo. As riquezas do evangelho tornam-se acessíveis; seus mistérios também: sua tremenda obediência até a morte e morte de cruz não nos assusta mais e até começa a parecer-nos bastante simples. Sim, agora que estamos tão bem unidos com a Trindade, na mente, na alma e no coração, nada nos parece tão simples como obedecer ao Pai, como Cristo obedeceu. O Pai pede, o Filho obedece imediatamente e o Espírito Santo paira sobre ambos.

Assim deve ser conosco, Deus pede entrega total a ele, sem reservas, sem esconderijos... esses esconderijos tolos em que nós nos refugiamos para nos esconder de suas exigências! E o que ele exige é nossa união com a Trindade. Uma vez unidos a ela, seremos repletos da sua vida, inflamados de seu fogo e repassados do seu movimento. E isto nos tornará criativos como a Trindade. E começaremos por criar *sobornost*, união em nós e ao redor de nós, pela graça desta mesma Santíssima Trindade.

Eis-nos alerta para a grande voz que nos vem de dentro: "Amigo, suba mais alto!". O sentido de tais palavras, agora, não é outro senão este: "Amigo, aprofunda a tua união, o teu *sobornost*". Que todos os batizados sejam *um* como, na Trindade, os três são *um*! Olhe para o mundo fragmentado. As pessoas se encontram e se olham como se fossem inimigas, até pessoas batizadas em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo! Há um terror horrendo no fundo dos corações dos homens. Há medo nos olhos e também no coração das crianças. Isto é inconcebível para um cristianismo que começou no amor, fundamentado sobre o amor. Antigamente dizia-se: "Vede como os cristãos se amam!". Hoje, pode-se dizer, com muita verdade: "Vede como os cristãos se odeiam!".

Esta é uma situação totalmente absurda. Nós temos que estar unidos, senão pereceremos todos. Nunca houve tempo na Igreja para individualismos mesquinhos, muito menos agora! Não nos referimos ao trabalho individual que é realizado para a glória e serviço de Deus. Os artistas trabalham sozinhos; os escritores também e há muitos outros tipos de

atividades realizadas por indivíduos, porque a própria natureza do trabalho requer indivíduos e não equipes. Mas, em seu espírito, todos estes devem estar unidos com Deus e com os outros. O individualismo mencionado acima é sinônimo do egoísmo isolador e atroficante.

Qual é minha relação com Deus? Até que ponto eu construo uma união com ele, um *sobornost* vivo, em minhas atividades, união encarnada na alegria e na obediência? Será que já nos despertamos para a tremenda realidade de que esta união deve fazer-nos passar constantemente pelo Calvário, levando-nos a morrer com Cristo, a fim de ressuscitarmos com ele? E esta não é uma realidade relâmpago, só do momento do batismo... Acompanha-nos a vida inteira.

A cada ano que passa, na medida em que compreendemos que somos todos irmãos e irmãs uns dos outros, e todas estas outras verdades vão se definindo e sendo aceitas por nós, então nossa peregrinação vai chegando ao seu termo, e a voz "suba mais alto, amigo" cessa quando atingimos o cume da montanha. Agora, lá de cima, compreendemos porque era necessário subir, ao descobrir, lá embaixo, um triste panorama humano: a vida trágica do mundo e, sobretudo, da Igreja... Só nos resta, então, rezar... nós os que já estamos às portas da Ressurreição!

Importa muito, porém, passar adiante tudo o que aprendemos e assimilamos ao longo do caminho. Esta é a nossa vida: fazer com que os outros compreendam. Isto faremos se conseguirmos sobreviver! Sobreviver como seres humanos, não

como animais! Não como *cyborgs*, homens biônicos! Fomos libertados por Cristo para viver uma vida sobrenatural. Não temos que nos esbojar por aí, nos instintos da nossa natureza, em seus aspectos puramente animais. Não há força alguma que nos obrigue a isso. Podemos nos mover na atmosfera de liberdade que é própria do sobrenatural. Ela é nosso verdadeiro *habitat*, esta maravilhosa liberdade, mesmo que esteja enraizada no natural que também é belo, se o vemos e o aceitamos como vindo de Deus.

Escute! Escute o rumor do vento! Você não está só. Escute o rumor das asas da Pomba! É o vento causado por ela, o vento do Espírito, o vento dos seus sete dons. Com estes dons podemos entrar no coração uns dos outros. Com os dons do amor e da compaixão podemos unir nossas vidas às vidas dos outros, do mesmo modo como nossos corações estão unidos a Deus. E assim terá início a imensa corrente de corações, como elos presos uns nos outros, chegando até Deus. E assim haverá *sobornost*, união...

Esta unidade transcende nossas emoções, nosso individualismo e todas as coisas criadas, por estar radicada em Deus, enquanto as coisas terrenas têm raízes no mundo e nos homens. Mas nós podemos arrancar estas raízes das coisas e elevá-las ao céu, purificadas, em nos sa subida. :

Esta é a tarefa dos batizados em Cristo: subir para a união sempre mais perfeita com a Trindade, seguindo Cristo que é o caminho e Maria, sua mãe, que é o modelo.

12. UNIDADE NA EUCARISTIA

No meio de nós, convivendo conosco, está a união encarnada, personificada. Sim, na pessoa de Jesus Cristo.

Aproximamo-nos dele, agora, sem tremor e sem temor porque Ele é nosso irmão; apesar disso, não podemos deixar de tirar as sandálias porque, na verdade, "este lugar é santo". Eucaristia é o grande sinal de *sobornost*, de unidade; o sinal de congregação das grandes multidões diante dele, o Eterno Sacerdote. Poderíamos chamá-lo de Pontífice... Palavras pouco importam. O importante é o seu Eterno Sacerdócio que nos reúne e nos congrega, convidando-nos pessoalmente. Escutem: "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia" (Jo 6,54).

Estas palavras precisam ser explicadas. Cristo supõe, com elas, que, realmente, acreditaremos nele, quando comermos do seu corpo e bebermos do seu sangue, fundamentos indefectíveis e inconcussos da unidade. É aqui, mais do que em qualquer outro lugar, que o Filho do Homem e o Filho de Deus nos reúne ao redor de uma mesa para a grande *sobrania*: a assembléia dos fiéis que nele crêem.

Fé é uma palavra ativa, operante, que põe em movimento. Se você crê, aproxime-se da mesa, entre na reunião, participe da assembléia. Talvez isto se faça numa igreja, numa catedral, o que, entretanto, não é essencial, uma vez que o verdadeiro crente é uma igreja, uma catedral, onde

quer que ele esteja.

Reunidos ao redor das sagradas espécies do pão e do vinho, ao redor desta mesa posta para os crentes, assistimos à renovação de um grande ato, à repetição de um grande drama: Sacrifício e Sacramento. Somente a fé pode penetrar as profundezas do que transpira desta mesa.

A chave para abrirmos o mistério da mesa eucarística é o batismo. Sempre o batismo, não é? Sim, porque em tudo quanto diz respeito à nossa fé, estaremos eternamente entre estas duas palavras: morte e ressurreição de Cristo, morte e ressurreição *em* Cristo. Uma vez que em ambas fomos batizados, como diz o Apóstolo Paulo, segue-se que somente os batizados podem aproximar-se do mistério da mesma morte e ressurreição de Cristo, no Sacrifício Eucarístico, este tremendo mistério de amor e de união que se realiza na Missa e na Comunhão.

Eis, pois, como a Eucaristia recapitula tudo o que aconteceu e está acontecendo, dia a dia, na nossa história sobrenatural: O Pai enviou seu Filho para salvar-nos, como consta da boa nova ou do evangelho. Ele nos salvou pela sua cruz e pela sua morte e, depois, consolidou tudo isso com sua ressurreição. Esta redenção é tão sublime e, ao mesmo tempo, tão misteriosa que a expressão espontânea de todos nós só pode ser esta: "Senhor, eu creio... Ajuda a dificuldade da minha fé!" como disse aquele cego a Jesus Cristo.

Ora, a fé nos foi dada no batismo, quando o nosso coração se "casou com a Trindade", por assim dizer,

numa união perene e misteriosa. Só atingimos a plenitude do nosso batismo no dia em que percebemos isto. Mas é também pela força do nosso batismo que cremos na presença real de Cristo na Eucaristia; sempre conosco, sempre ao nosso lado. É por força do nosso batismo que nos é possibilitado o acesso a ele uma vez por semana ou até diariamente, em qualquer ponto do universo. É como batizados que participamos deste banquete sagrado, o corpo e sangue de Cristo sob as aparências do pão e do vinho.

Eis como batismo e Eucaristia dão-se as mãos e maravilhosamente se complementam! Eis-nos agora purificados diante deste tremendo sacramento. O batismo lavou nossos pecados quando nos imergiram em suas águas santas. A Eucaristia também lava nossos pecados em água e sangue. Sim, nossos pecados! Por mais santos que sejamos, quando nos aproximamos do altar, há muita poeira e poluição deste mundo cobrindo a nossa santidade! Há poucos santos, de fato, no meio de nós, mas a Eucaristia purifica as manchas de todos. É verdade que alguns pecados precisam ser confessados antes da comunhão, mas é exatamente pelo batismo e pela Eucaristia que adquirimos a fé e a humildade que nos levam à confissão. Além disso, há uma enorme multidão de pequenos pecados da nossa fragilidade de cada dia... Este "pó diário", nos móveis da nossa sala, a eucaristia o sopra para longe.

Os leprosos do evangelho foram curados (purificados, diz o evangelho) quando se aproximaram de Cristo, quando se uniram a ele. Os que se unem a Cristo, no Sacramento da Eucaristia,

são também purificados por esta aproximação e tornam-se *um* com ele. Neste momento, o cristão batizado sente que passou, mais uma vez, pela morte e ressurreição de Jesus Cristo. É a hora em que deveriam prorromper em mil hinos de louvor a Deus, por terem passado, mais uma vez, pelas águas da libertação, pelo "Mar Vermelho" do sangue de Cristo, na Eucaristia.

Existe ainda um outro aspecto importante a ser considerado neste sacramento da Eucaristia. É a força e o poder de Deus que nos advem através dele. Por incrível que pareça, pela fé e pela união eucarística, nós passamos a partilhar com Deus desta força divina. Leiamos o evangelho: "Em verdade, em verdade vos digo, aquele que crê em mim fará as obras que eu faço e até outras maiores..." (Jo 14,12). Diante disso, com todo o poder de Deus em nossa mão, não há mais obstáculo algum no caminho da união ou do *sobornost*; não agora, quando nos sentimos penetrados por Deus e sua força de todos os lados do nosso ser. Daqui por diante não haverá coisa impossível para você, para sua oração de fé. A união tornou-se uma realidade! Uma realidade vestida de carne! A carne do próprio Jesus Cristo.

Eis como a realidade deste imenso sacramento da Eucaristia pervade, permeia, penetra os fiéis batizados muito além das nossas possibilidades e da nossa compreensão. Nossos passos se tornam passos de gigante, na expressão do salmista; saímos por aí, em saltos de gazela, pulando montanhas, seguindo o nosso amado. E, neste seguimento, as montanhas se tornam nosso *habitat*. Ninguém mais

pode deter-nos. A Eucaristia leva a união a tais alturas, que é preciso parar para louvar e agradecer a Deus.

Escutem este verso dos Cânticos de Salomão: "Que Ele me beije com o beijo da sua boca!" (Ct 1,2). Ele não é apenas *um* comigo, mas ainda me beija. Eis aí, caro leitor e caro amigo, as profundezas a que nos leva a união eucarística! O noivo está chegando. Está ouvindo seus passos? Ele vem saltando, como a gazela, sobre os cumes das montanhas. Sim, o noivo está se aproximando. *Sobornost*, união, unidade se torna, então, a própria respiração, o hálito divino do amado e do amante.

Os mistérios da Eucaristia, sacramento e sacrifício, são altos e profundos, altos e largos em seus horizontes. Deus no-los revelará se estivermos dentro dos limites do jardim de seu Amor.

Não há melhor maneira de esclarecer este maravilhoso aspecto da unidade cristã do que comungar com muita fé e muito amor. E depois de recebermos, no pão e no vinho, o seu sagrado beijo, fiquemos aí, prostrados em oração, diante da unidade que o Pai nos enviou... Porque o sinal desta unidade e sua substância é Jesus Cristo.

13. SERVIR EM CRISTO

Quando meditamos sobre o sacramento da Eucaristia, com todos os seus mistérios e o amor infinito de Deus que ele envolve, impossível não ceder ao impulso de nos recolhermos no mais profundo ato de fé e adoração.

Prostrar-nos diante de Deus é, para nós, um ato mais que justo e apropriado, considerando que Ele é o Criador e nós suas criaturas. Nada mais natural para uma criatura do que prostrar-se diante *daquele que é!*

Mas não podemos passar a vida "prostrados", pela simples razão de que Jesus Cristo se fez homem e veio a este mundo para nos dar exemplo de oração e de ação. Ele deixou bem claro que seus seguidores têm duas grandes tarefas a realizar, quando disse: "é preciso rezar sempre" e também "eu vim para servir"!

Até agora temos apresentado e discutido a essência da união ou de *sobornost* sob o aspecto de oração e de contemplação, por assim, dizer. Urge frisar, porém, que tudo isso — batismo, oração, contemplação, peregrinação interior e subida de montanhas — deve tornar-se bem real. Cabe-nos, pois, agora, mostrar o mundo da realidade em Jesus Cristo. Apresentar ao mundo a realidade de Cristo é tornar-se imagem dele, sua ícone, reflexo da sua face. Ora, é exatamente isto que nos levará a servir; não somente a rezar, mas também a servir. Estes dois aspectos da imitação de Cristo são inseparáveis. Não existe um sem o outro para os verdadeiros seguidores de Jesus Cristo. Eles

estão sempre rezando e, ao mesmo tempo, servindo os outros. Este é o mundo de Cristo, criado pelo Pai, oposto ao mundo que o evangelho condena, reino do mal e do egoísmo. Mas mesmo este belo mundo de Cristo, de oração e serviço, anda bem necessitado de uns reparos! Temos que entrar nele a fim de restaurá-lo!

É interessante notar como, em inglês, a palavra *restoration* contém, no seu aspecto sonoro, as idéias de descanso, *rest*; de oração, *ora*; e ação, *action*. Elevar a alma a Deus na oração e na contemplação é, realmente, descansar aos pés da Trindade. Mas é preciso que, lá nestas alturas, a gente não se esqueça do mundo cá de baixo, em necessidade premente de restauração. É um mundo retorcido, distorcido, irreconhecível, como carro depois de uma batida muito forte. Um mundo poluído que nada mais tem a ver com aquele que Deus sonhou e criou. Ao ver isto, lá de cima, sentimos uma necessidade imperiosa de descer. E a tarefa aí está diante de nossas mãos.

Entretanto, jamais poderemos restaurar o mundo de acordo com as nossas próprias idéias. Decididamente não! Se fosse questão de cada um de nós decidir como é que o mundo deve ser renovado, a confusão resultante faria a Torre de Babel parecer Jardim de Infância!

Estamos falando de servir e, no cristianismo, só se pode servir *em Cristo!* Temos que agir como Cristo agiria se estivesse hoje em nosso meio. Como é que ele agiria se estivesse no meu lugar? O evangelho nos dirá, se nós o seguirmos sem restrições, sem dar margem alguma a qualquer tipo

de prevaricação ou racionalização.

Nossa tarefa é reconstruir a humanidade, restituindo-lhe aquela imagem original segundo a qual ela foi criada. Restaurar e renovar esta humanidade é a tarefa que nos foi dada no nosso batismo: restaurá-la através de uma contínua prestação de serviços. Você não se esqueceu ainda, não é?... De que morreu com Cristo e ressuscitou com ele! Se não se lembra mais disso, volte ao evangelho e escute atentamente; ele não vai simplesmente dizer o que lhe compete fazer: vai gritar-nos qual é nossa missão de ressuscitados com Cristo. É só fazer o que ele nos disser.

Eis o que entendemos por servir: viver o evangelho sem restrições e pregá-lo da mesma forma, unindo-nos ao Pai que nos criou à sua imagem, ao Filho que veio restaurar em nós esta imagem e ao Espírito Santo que nos conduz sempre na direção exigida por esta renovação. E aqui caímos em pleno ambiente de *sobornost*, de união e de unidade.

Não é bastante contemplar, estaticamente, a beleza infinita de Deus. Isto não nos traria bem algum, nos dias de hoje. Os êxtases vão desaparecer, a contemplação também; Deus vai acabar escondendo de nós a face divina que almejamos contemplar, pela simples razão de que não queremos fazer aquilo que seu Filho nos manda. Sim, meus amigos, temos que assumir o grande risco de seguir Jesus Cristo até o fim, com toda a dor e sofrimento que isto comporta. Fora disso não há esperança alguma para nós,

porque o mundo está quase ou completamente perdido.

Olhemos um pouco para o abandono, alienação e fragmentação de toda a unidade cristã nos nossos dias! A unidade, ou melhor, a desunião de maridos e mulheres, pais e filhos e destes uns com os outros. A desunião dos governos com seus povos; a desintegração econômica de tantos países que rejeitam os ensinamentos sociais de Cristo, através da Igreja.

A única esperança está no evangelho aceito e vivido resolutamente, levado às últimas conseqüências. Mas, hoje, tudo parece estar nas mãos infernais de Satã. Os homens subiram a uma certa montanha que está longe de ser a Montanha do Senhor. Eles ouviram, lá em cima, as vozes e as promessas da tentação. Só que não as rejeitaram decididamente como Cristo; aceitaram as riquezas, o poder, a dominação e toda a caterva de misérias morais que acompanha a riqueza, o poder e o orgulho! Aceitaram e adoraram a Satã em tudo isso. Até os pobres, muitos deles pelo menos, estão hoje poluídos por Satã, porque só pensam em ficar ricos.

Olhe um pouco ao redor e veja a longa procissão de pessoas que se empurram e se acotovelam, tentando subir sobre os ombros umas das outras, pisando-se, esmagando-se umas às outras, neste afã desesperado de subir na vida pelos degraus do dinheiro, das riquezas, das posses sempre mais numerosas e mais vastas! É a fome do ouro. Esta sociedade é considerada pelos sociólogos como "Sociedade Móvel". Muito móvel, sem dúvida! Está

sempre em movimento, sim, mas não para cima; sempre para baixo. É mais uma excrescência do que uma sociedade. Não há nela compaixão alguma. Cada pessoa nos lembra o *Shylock* de *Shakespeare* gritando pelo seu quilo de carne e pouco se importando onde e como o vai conseguir. A economia desta sociedade está inteiramente nas mãos das tristemente célebres "multinacionais". Aí o dinheiro faz tudo, deslizando por baixo das mesas, por detrás das cortinas das grandes salas governamentais, por baixo das portas. Dinheiro, o grande putrefator! E todo mundo cede e todo mundo adora este deus maldito da corrupção internacional. Nem membros de governos ficam imunes, ou, muito menos eles. Nem certos presidentes dos Estados Unidos! E todos os países têm suas histórias, seus Judas governamentais! Só que já não são mais apenas trinta moedas!

Mas não é só ouro e prata que toda essa gente ambiciona. É também poder! Longe está o evangelho da humildade, da simplicidade e da mansidão. Você que está lendo estas linhas, já viu algo parecido com humildade na sociedade atual?

A economia, a política... tudo é corrompido pela fome do dinheiro e do poder. Lentamente, mas de maneira firme e progressiva, como eu dizia, anos atrás, no meu livro *Friendship House*, as redes de Satã caem sobre o mundo e o envolvem sempre mais. Cristo também mandou seus apóstolos lançar redes: "Lançai vossas redes à direita!". Eles obedeceram na fé e na humildade, e as redes voltaram com centenas de peixes. Não, a rede de

Satã é diferente. Não é a rede do trabalho honesto e do lucro moderado. Ela não quer só "a direita do barco", quer todos os peixes do mar ao mesmo tempo. Ela enreda e amarra e sufoca. Não existe esperança nesta rede de Satã. Ou, se ainda existe, está morrendo.

A esperança cristã não morreu ainda completamente, só porque existe uns poucos crentes que vivem a realidade e a verdade do seu batismo; que participam da mesa eucarística na qual, unidos a Cristo, rezam aos gritos: "Senhor, a vós eu clamo, das profundezas de meu ser. Ajudai-me Senhor! Tende compaixão de nós!". Ele nos ajuda através da sua encarnação, morte e ressurreição que constituem as eternas e permanentes forças da redenção. Ele nos ajuda levando a união e a unidade à plenitude da sua realidade, tal como o mundo nunca vislumbrou sequer.

É tudo muito simples. As esperanças vêm por meio daqueles que aceitaram o evangelho total, com todos os riscos envolvidos no seguimento incondicional de Cristo. A esperança nasce daqueles que se tornaram pobres por amor a Jesus Cristo. Mas estes mesmos, de maneira portentosa, tornaram-se ricos além de toda compreensão humana. Ricos em dons celestes recebidos de Deus, eles os passam adiante, a seus irmãos, tornando-se fontes de esperança. "Não tenho ouro nem prata", disse São Pedro a um mendigo doente, mas, na mesma hora, curou-o do seu mal. É isto mesmo que fazem, a seu redor, no mundo, todos os batizados que, de fato, crêem e seguem o Cristo; que gritam do fundo de suas almas; que estão ansiosos e

preparados para restaurar o mundo, entregando-o reluzente e novo ao próprio Cristo, ao Pai, à Trindade. Pouco importa o preço que tenham de pagar por isto.

Eis a maneira como os verdadeiros batizados em Cristo trazem esperança e auxílio. A esperança brota de cada um deles e impregna todos quantos deles se aproximam. Pouco a pouco as pessoas, que os vêem diariamente, acabam por perceber que somente estes batizados em Cristo, que acreditam com a vida e com todas as forças da alma e do corpo, são os verdadeiros arautos e mensageiros da esperança. Porque eles acreditam que devem servir a humanidade, por amor ao Pai, não somente nas coisas pequenas, mas também nas grandes como a política, economia, paz e trabalho, exatamente onde Deus e os homens são menos servidos!

Quando as pessoas entram em contato com esse tipo de cristãos, notam logo que eles não são estrangeiros e que sua única ciência é a da fraternidade. Suas mãos estão sempre vazias e disponíveis para se encherem com a mão do outro, não com o seu dinheiro. Desta maneira, acabam formando uma corrente de mãos dadas e, assim, unidos e concatenados pelas mãos e pelo coração, caminham juntos para dentro das trevas... das trevas que Satã criou sobre este mundo. Caminham resolutos e sem medo, porque caminham rezando e caminham servindo os outros. Marcham sem medo, porque vão sempre sob a proteção do Senhor. Enquanto isso, o próprio Cristo vai à frente deles; Cristo, o primeiro e o eterno mensageiro da esperança. Com Cristo à sua frente, Cristo luz dos

povos, estes grandes batizados se transformam numa procissão luminosa que faz recuar a treva de Satã, e ele acabará por se refugiar, de novo, em seus desertos... Exatamente como há dois mil anos, quando Cristo arrasou suas tentações de maneira tão fulminante e tão galhardamente!

Estes são, portanto, os verdadeiros renovadores do mundo, herdeiros do Pai e mensageiros da esperança: os que acreditam na força do seu batismo e o põem em prática, os que se reforçam espiritualmente na mesa da Eucaristia e, através destes dois grandes sacramentos, vão entendendo sempre mais o sentido da encarnação que é chama... oração... serviço.

Enquanto servimos os outros, nós nos tornamos seus irmãos. A esperança começa a caminhar, de novo, sobre a terra, e a união se consolida e se reforça, porque os que gostam de servir, desconhecem as brigas e as discórdias, instrumentos bem afiados e armas efficientíssimas com que Satã assassina a esperança, a cada hora, neste mundo. Os que sabem servir, gostam de segurar as mãos dos outros, de pensar com eles e como eles pensam, porque sem isto a força deles diminui.

Evidentemente, não são todos iguais entre si, estes cristãos de quem falamos. Existem diferenças entre eles, é claro, porque o Senhor gosta de ter um jardim com muitas flores e, como se diz, não há duas pessoas iguais neste mundo. É provável que foi para isso, para essa diversidade maravilhosa, que Deus deve ter jogado fora o molde de cada pessoa, na medida em que as fazia. Mas é nesta diversidade imensa que reluz uma imensa unidade

entre os que seguem o Cristo sem pactuações, amando a si mesmos, amando o próximo, amando até seus inimigos, dispostos a dar a vida pelos irmãos, se for preciso.

Estes homens penetram em todos os setores, seja o da economia e da política, como o do casamento e das relações humanas. Não há campo de comportamento ou de atividade humana que possa ser ou deva ser terra proibida para os que foram batizados em Cristo, participam do seu Corpo e Sangue e entendem o sentido da redenção pela oração e pela caridade.

O único caminho possível, pelo qual a esperança pode ser reconduzida ao mundo, consiste em afiar a lança e cravá-la no próprio coração, pela renúncia e pelo sacrifício, à maneira como o coração de Cristo foi alanceado. Assim haverá em cada coração uma porta aberta para o amor e para a esperança. Cristo é o único caminho que leva ao Pai, mas nós, como mensageiros dele, podemos ser, pelo nosso serviço e doação, uma porta — ou porteira, se quiserem — que leva a este caminho. Assim é que o nosso coração pode levar outros ao coração de Cristo, de onde ressurgirão para a alegria e a esperança. Nada disto é impossível, se bem que difícil. Ele disse: "Todas as coisas são possíveis para aquele que crê em mim".

14. O PEQUENO MANDATO

Este capítulo deverá ser um tanto pessoal, não somente no que se refere à minha pessoa, como também ao apostolado de *Madonna House*. Começo por dizer que sou russa. Durante muitos e muitos anos, tenho-me esforçado para unir o Ocidente e o Oriente, porque amo um e outro tremendamente e porque, desde a infância, desejei presenciar o maior *sobornost* deste mundo, isto é, a fabulosa união da Igreja Católica com a Ortodoxa. Seria, então, ou será um *sobornost* que os homens poderão ver, sentir e tocar; uma unidade que cicatrizará velhas feridas e transcenderá velhos costumes e atitudes de um e de outro lado. Ah, como tenho rezado por isto a vida inteira, fazendo eco às palavras de Cristo: "Que todos sejam *um*, Pai, como tu em mim e eu em ti" (Jo 17,21).

Houve um momento de minha vida em que parecia ter-me instalado num conforto bem razoável: ganhava um bom salário e tinha um belo apartamento em Nova Iorque. Foi aí que o Espírito Santo começou a trabalhar em minha alma. É importante reconhecer isto e creio que esta é a hora mais oportuna para fazê-lo, através das páginas deste livro.

Um sonho de unidade, um misterioso *sobornost* começou a crescer em mim, estrangeira em terras americanas — uma estrangeira tremendamente solitária, por sinal. Um grande sonho de dedicar a minha vida à pregação de um evangelho total, sem concessões a qualquer tipo de condição. Realmente, não via outra maneira possível pela qual eu, completamente só e, sobretudo russa, perdida e sem

importância numa sociedade como a canadense e a americana, não via outra maneira pela qual pudesse levar Jesus Cristo às pessoas que Deus estava pondo em meu caminho, após minha fuga da Rússia.

Não era fácil a realização do meu ideal religioso devido aos compromissos que eu tinha e, também, por causa daquela razoável "segurança" econômica em que me tinha instalado. Mas o Espírito Santo não me deixava em paz. Naquela época, eu costumava viajar grandes distâncias, dentro e fora da América, fazendo conferências. Tornei-me até uma das gerentes dessa organização. Criou-se uma estranha situação interior para mim como resultado desta "perseguição" do Espírito Santo que mencionei acima. Viajando de carro, navio ou de trem, ao ritmo barulhento das rodas e dos motores, eu passei a ouvir trechos soltos de frases que chegavam a mim com o impacto vigoroso de um soco. Eram pedaços de frases destacados do evangelho, na sua maioria, profundamente relevantes para mim.

Comecei a anotá-los em pedaços de papel, envelopes usados, etc. Um belo dia eu me vi com três ou quatro bolsas cheias deles. Havia até tiras de papel de embrulho, ilustradas, com minhas anotações. Decidi pôr aquele caos em ordem e selecionar o que me parecesse útil. Era de noite; o trabalho do dia terminara... Eis o que resultou:

Levanta-te e vai! Vende tudo o que possuis... Dá tudo aos pobres, diretamente, pessoalmente.

Toma a minha cruz (a cruz deles) e segue-me, tornando-te pobre, sendo pobre, tornando-te uma deles — uma comigo!

*Pequena — sé sempre pequena... simples...
pobre... criança.*

*Prega o evangelho COM A TUA VIDA — SEM
RESTRICÇÕES. Escuta a voz do Espírito... Ele te
guiará.*

*Faze as coisas pequenas extremamente bem por
amor a mim. Ama, ama — ama, sem nunca olhar
para o custo.*

*Vai aos mercados e permanece comigo... Reza...
Jejua... Reza sempre... Jejua.*

*Fica escondida — sé uma luz aos pés do teu
próximo. Desce, sem temor, ao fundo dos
corações dos homens... Eu estarei contigo.*

Reza sempre. EU SEREI O TEU DESCANSO.

Quando olhei para tudo isso, assustei-me. Não era bem susto... era um temor cheio de profundo respeito. Até aquele ponto da minha vida, a luz do Espírito Santo havia iluminado os meus caminhos, com clareza meridiana, de modo que eu tinha certeza de estar no seguimento de Cristo; mas quando percebi isto iluminado desta forma por uma luz que não me parecia vir de parte alguma deste mundo, achei que era fantástico. Decidi que devia ser uma ilusão!

Entretanto, resolvi testar os acontecimentos. Abri, muitas vezes, a Bíblia e sempre meus olhos caíam sobre as palavras: "Se quiseres ser perfeito, vai, vende o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me". Decidi não confiar mais nas minhas próprias Bíblias, apesar de ter certeza de estar abrindo em lugares bem

variados e casuais (eu possuía vários exemplares do livro santo). Por isso, certo dia, fui a uma biblioteca pública e arranjei uma Bíblia descomunal para consultar. Segurei-a e abri suas páginas bem ao acaso... Pasmem! O que encontrei foi: "Vai, vende o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me".

Aquilo estava ficando demais para mim. Essas coincidências me confundiam. Procurei, então, a orientação de vários sacerdotes. Todos me disseram que os compromissos que eu tinha eram válidos e muito bons: devia conservá-los. Um destes compromissos era de carne e osso: meu filho! Aceitei e compreendi o conselho dos sacerdotes, fazendo tudo para obedecer-lhes.

Mas eu não ficava tranqüila. O Espírito Santo continuava sobre mim... eu percebia a sua sombra e o rumor das suas asas, se posso me expressar desta maneira.

Não sei se o leitor ou leitora já ouviu o ruflar das asas do Espírito Santo... É um som estupendo e poderoso! Chega até nós como um vento, não é brisa; é uma ventania feroz. Sopra para longe todas as noções preconcebidas, todas as confusões que possam existir em nossa mente e em nosso coração. Cai por terra tudo aquilo em que os homens confiam. Tem-se a impressão de que a inteligência humana dobra suas próprias asas e descansa quando por ela passa o vento do Espírito. Tudo fica em "suspense". Subitamente surge, diante de seus olhos, uma dimensão de Deus jamais suspeitada. Nesta hora de revelação, você entende! Entende que deve levantar-se e partir! Entende que deve cumprir e

preencher, em sua vida, não somente o primeiro parágrafo, mas todas as frases, todas as linhas, todas as vírgulas daquele "Pequeno Mandato" que você escreveu, tão inocentemente, tão despreziosamente, em pedacinhos de papel, sem suspeitar de nada!

Sou uma pessoa acostumada a obedecer desde a infância. Jamais assumiria tal empreendimento, seguindo minhas próprias decisões. Para mim até o Divino Espírito Santo seria uma ilusão se Ele não fosse confirmado por um diretor espiritual ou pelo bispo da minha diocese, porque acredito firmemente na palavra de meu pai que costumava dizer-nos: "O Bispo é o guardião de nossas almas".

Na Rússia, *sobornost* é o bispo: ele é a unidade! Ele é também o *Sobor*, a Igreja Catedral a que preside. Ele está onde deve estar a unidade. Em sua pessoa une os fiéis com Deus e Deus com os fiéis. Ele é o centro. Tem a plenitude da Ordem, o grande sacramento do sacerdócio, que passa adiante aos seus padres. Portanto, eu tinha que ir ao meu bispo e perguntar-lhe se este "Pequeno Mandato", que me parecia vir do Espírito Santo, vinha mesmo dele. Somente o meu bispo poderia dizer sim ou não.

Com essa fé que tenho, procurei então o bispo, fui ao arcebispo da minha diocese e confiei-lhe tudo o que me ia dentro da alma. Mostrei-lhe o "Pequeno Mandato" datilografado às pressas. Disse-lhe que desejava cumprir aquilo à risca, vendendo tudo o que possuía e ir para o *poustinia* dos mercados e das feiras. Tive que explicar-lhe que *poustinia* era um lugar de solidão e de oração, e ele entendeu o que eu queria dizer: uma oração na caridade e no serviço

do próximo. Felizmente, tratava-se de um bispo inteligente que tudo compreendeu à primeira vista e me animou a seguir o que, também ele, considerava ser uma inspiração do Espírito Santo. Mas era também um bispo muito prudente e, como tal, aconselhou-me a passar um ano inteiro refletindo sobre o assunto e rezando. Foi o que fiz.

Quando o prazo terminou — datas não são importantes. .. nada que não seja de Deus é importante — vendi tudo o que tinha e fui às favelas de uma cidade bastante grande, para lá viver na oração e no serviço dos meus irmãos necessitados... para rezar e servir onde mais precisassem de mim.

Parecia-me estar em Nazaré, onde o Senhor rezava e servia. Ele deve ter feito belas cadeiras, lindas mesas para jovens noivos que se preparavam para o casamento, delicados bercinhos para bebês e tantas outras coisas. Talvez eu fosse ainda muito jovem e pensasse que minha vocação era um caminho muito simples. Certamente não me passava pela cabeça começar algo novo, muito menos ainda a organização de uma comunidade, de um apostolado leigo. Desejava apenas rezar e servir, *sozinha*, seguindo a inspiração do meu Pequeno Mandato e os costumes do meu povo.

Por que chamo de "Pequeno Mandato" as garatujas que rabisquei, durante minhas andanças, em pedacinhos de papel amarrotado? Porque é realmente este o mandamento que recebi de Deus para pregar o evangelho sem restrições.

Todo este Mandato está repleto da Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo. Nossa Senhora

também está nele: Nossa Senhora da Trindade. Todo ele transpira e irradia união entre Deus e a humanidade. Está transbordando *sobornost!* E é disto que desejo falar agora.

Este "Pequeno Mandato" pertence à *Madonna House*, não é mais apenas meu, desde o dia em que o Senhor mudou minha primeira vocação de rezar e servir o próximo no "retiro dos mercados", sempre sozinha, e me fez fundadora de um apostolado leigo. Verdadeiramente são inescrutáveis os caminhos de Deus.

Desta forma o Pequeno Mandato tornou-se a constituição, primeiro de *Friendship House*, a Casa da Amizade, nossa primeira fundação, e depois de *Madonna House*. Hoje nós fazemos os votos de pobreza, castidade e obediência, de acordo com este Mandato de pregar o evangelho com nossas vidas.

Entretanto, como o leitor verá, este Mandato pode ser vivido por qualquer pessoa, porque tem suas raízes no evangelho que é propriedade de todos os batizados.

Mas, voltemos a *Madonna House*. Lancemos um olhar ao redor. Que fazem os seus membros, a que se obrigam quando aceitam o "Pequeno Mandato"? Antes de tudo, eles se comprometem a deixar tudo quanto possuem. Eles começam aquela viagem pelo seu interior, ao encontro de Deus e do reino do céu que "está dentro de vós". Para tanto, todas as posses devem ser deixadas para trás.

Isto significa, em *Madonna House*, total despojamento de possessões terrenas, abdicação de toda riqueza material. É a pobreza, nos termos

descritos por Paulo Evdokimov, célebre teólogo russo: "A ausência da necessidade de possuir transforma-se na necessidade de não possuir". Medite esta frase, esta linda frase russa, embora seja mais velha do que a Rússia, porque pertence à primitiva vida monástica.

Esta frase pode tornar-se também sua, leitor. Você também é chamado à pobreza, como o são todos os batizados. Alguns dos que lêem este livro talvez se tornem mais despojados... poucos, porém, chegarão ao despojamento total.

A "partilha dos bens" deveria tornar-se algo que todos realizassem na maior simplicidade. O amor de Jesus Cristo, do Espírito Santo e a graça do Pai, dirá à consciência de cada um até onde ele deve ir na partilha destes bens. Não há duas pessoas iguais nesse tipo de iniciativa, mas todos os que crêem em Jesus Cristo são chamados ao *desapego* total, isto é, não devem apegar-se a nada deste mundo; somente à Santíssima Trindade.

Vamos um pouco mais longe. No "Pequeno Mandato" está escrito: "Pequeno — seja sempre pequeno... simples. .. pobre, criança". Isto evita a arrogância, a arrogância intelectual, tão marcante no mundo ocidental, onde tudo tem que ser do jeito que eu quero! E assim, economia, política, guerra e paz, são como a bola num grande campo, chutada de um para o outro, a seu talante. Por isso as discórdias se multiplicam por aí sem nunca terem fim. Nas últimas décadas, a divisão chegou também ao coração das ordens e congregações religiosas, tanto masculinas como femininas. Chegou ao sacerdócio. Entrou nas dioceses. Penetrou na família. Insinuou-se até entre

as crianças!

Escute!... Não ouve o estrépito da derrocada do mundo? A poluição hoje atinge não somente a terra, as águas e o ar... ela chega ao próprio coração da humanidade, que corre perigo de ficar completamente contaminado. A humanidade não sabe mais o que é ser "pequeno", "tornar-se criança". Não conhece mais a pobreza nem a simplicidade. Como resultado, ouçam essa tremenda cacofonia de vozes que vêm dos próprios lábios de Satã, comandando a morte de milhões de pessoas, em todo o mundo, ou deixando-as morrer sozinhas, abandonadas ao frio e à fome. O índice de suicídios sobe dia a dia, porque o homem deixou de ser "pequeno", simples, criança.

Passemos ao terceiro parágrafo do Pequeno Mandato de *Madonna House*, que diz: "Prega o evangelho com tua vida — sem restrições — escuta a voz do Espírito — ele te guiará".

A hora decisiva chegou para *Madonna House*, para todos vocês, neste vasto mundo, que crêem em Jesus Cristo, que têm sede do seu amor e sede daquela unidade que somente ele pode trazer a este mundo dividido! Chegou a hora de todos nós submetermos nossa inteligência à inteligência de Cristo, com muita coragem, a fim de deixarmos, em suas mãos, a direção dos destinos de nossas famílias, de nossas relações pessoais, dos governos, de *Madonna House*, das ordens religiosas... de tudo, em toda parte! Não há lugar para arrogância na vida de quem deseja pregar o evangelho total, porque a própria plenitude do evangelho disse: "Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração".

E o Pequeno Mandato continua: "Faze as coisas pequenas extremamente bem por amor a mim". Esta voz de Cristo chega até nós com suavidade; é como o murmúrio de uma brisa noturna, nas folhas das árvores. Ele não nos pede grandes coisas; só coisas pequenas, as de cada dia, mas bem feitas!

Aqui toda a encarnação vem ao nosso encontro, pois quando Deus se encarnou, não foi exatamente o que ele fez, durante trinta anos? Não viveu em Nazaré, durante todo este tempo, fazendo exatamente isso: coisas pequenas, realizadas com extrema dedicação por nosso amor? Será que você, leitor, poderia visualizar ou imaginar uma cadeira ou mesa, saída das mãos de Cristo, cheia de imperfeição e de defeitos que denotassem desleixo ou negligência? Ele fez tudo bem por amor a seu Eterno Pai e por amor a cada um de nós. Deu-nos o exemplo e, portanto, tem agora o direito de pedir que façamos todas as coisas pequenas com perfeição por amor a Ele.

Foi deste modo que Cristo reduziu o amor ao nosso tamanho. Nós somos todos muito pequenos e seu imenso amor por nós torna-nos ainda menores; mas quando ouvimos seu pedido, no murmúrio da brisa noturna agitando os galhos, sentimos novo alento; e grande alegria nos invade quando percebemos que nossas tarefas domésticas e corriqueiras de cada dia começam a ser um ótimo meio de amá-lo: "Faze as coisas pequenas extremamente bem por amor a mim".

Portanto, o caminho para chegar ao amor de Cristo é muito simples: as fraldinhas, as panelas, a roupa suja, as estórias de fadas que a mãe conta para os

filhos, a mão do marido que ela segura entre as suas. Tudo isto se transforma num maravilhoso ato de amor que tem por objeto não somente a família de uma mulher, mas também o coração do próprio Deus. É isto que Ele pede e deseja. O fazendeiro arando seu campo, a esposa fazendo queijo ou manteiga, à luz do que fica dito, perceberão que estão fazendo o que Deus pede. A secretária que se enamorou de Deus descobre, igualmente, que as cartas que ela escreve a máquina, mesmo que seja com dois dedos, são atos de amor. O motorista de taxi, a enfermeira... todo mundo, em toda e qualquer parte, pode assimilar este parágrafo do Pequeno Mandato. Tão simples, não acham? Tão fácil! É uma canção de amor!

Ouçam o barulho dos pratos numa copa... O ruído da água num tanque de lavar roupa... A enxada do jardineiro, do colono... É realmente uma bela sinfonia que se eleva da terra, dos corações dos homens que crêem. E o amor de Jesus Cristo responde a esta música toda, porque foi exatamente assim que ele passou a sua vida na terra; foi assim que ele nos escreveu suas cartas de amor.

A primeira destas cartas foi escrita no momento em que ele nasceu. Seu primeiro vagido de criança foi exatamente isso: uma mensagem profunda de amor de Deus para com o homem. Aquela coisinha pequena, aquele bebê choramingas já nos falava de amor com seu choro. Mais tarde procurava imitar São José martelando tudo, colocando prego em tudo. E mais uma vez as marteladas eram atos de amor, cartas de amor de Jesus Menino para nós. Mais tarde, as cartas ficaram mais caprichadas, quando

ele se tornou um carpinteiro perfeito. Desta forma, pois, fazendo aparentes ninharias por amor de nós, ele nos ensinou a valorizar as aparentes ninharias do nosso dia-a-dia, tornando-as verdadeiros atos de amor a ele.

É assim que as coisas pequenas se transformam em grandes coisas. Porque bem depressa as mensagens já não nos chegam de Nazaré e sim do Pretório de Pilatos. Agora são estalos de chicotadas nas costas de um homem que está sendo flagelado. A próxima carta vem do Calvário... Os sons são ainda parecidos com os de Nazaré: são marteladas; só que não vêm mais de uma carpintaria; vêm de pregos cravados em carne humana!

Finalmente a última carta, enviada lá de cima da cruz: "Eis aí tua Mãe".

Coisas pequenas, aparentemente sem importância alguma! Elas enchem a nossa vida, entretanto, de valores eternos, porque, pelo menos para nós, aqui em *Madonna House*, elas constituem boa parte do nosso modo de viver o evangelho sem restrições. E isto não é apenas para nós: está ao alcance de todos; de você também.

Segue-se, agora, no Pequeno Mandato: "Ame, ame, ame, sem nunca olhar para o custo". Não há muito que eu possa dizer a esse respeito. O mundo está ficando cada vez mais frio, nos dias de hoje, porque as pessoas não amam. O que existe é muita paixão, muito sexo. O que existe é um compromisso temporário que parece amor, mas não tem a constância do amor e, portanto, não lhe merece o nome. O amor é mais forte do que a morte.

O Amor é uma pessoa, porque o Amor é Deus; eis por que ele é mais forte do que a morte. Medite nisso. Contemple-o, pois, assim fazendo, você poderá começar a entender a fonte do verdadeiro amor: o coração de Deus.

Outro parágrafo ainda: "Vai aos mercados e permanece comigo... Reza... Jejuar... Reza sempre... Jejuar". Meu pai costumava dizer-nos quando eu era criança: "Nos dias de hoje, se a gente quiser chegar a Deus, tem que levantar os *dois* braços: oração e jejum!".

O mundo de hoje vive a era dos cinco sentidos corporais, os cinco pontos cardeais da humanidade, em vez dos quatro da geografia. Os apetites da carne são vorazes, e os homens cuidam de que não lhes falte nada: servem-nos como se fossem deuses. É este o tempo apropriado para a oração e o jejum.

Cristo jejuou bastante e este aspecto de sua vida não foi ainda riscado do evangelho, como algo que não deva mais ser imitado por aqueles que desejam segui-lo. Quando os Apóstolos, certo dia, se queixaram da sua impossibilidade de expulsar um demônio, a resposta de Jesus foi a seguinte: "Há um tipo de demônio que não pode ser expulso senão através da oração e do jejum" (Mc 9,28).

Todos nós que pretendemos ser cristãos de um só coração e de uma só alma, que enfrentamos o mundo de mãos dadas, na sublime tarefa de renová-lo, todos nós, que devemos levar o cristianismo às praças e mercados, somos obrigados a rezar e a jejuar.

E o Pequeno Mandato continua: "Fica escondido — sé

uma luz aos pés do teu próximo. Desce, sem temor, ao fundo dos corações dos homens... Eu estarei contigo. Reza sempre. Eu serei teu descanso".

A última frase é um grande consolo e a gente respira aliviada quando chega nela. Mas, para lá chegar, é preciso, antes, *ficar escondido*. Todos temos que carregar a cruz do Senhor. Não existe ninguém, em *Madonna House* ou fora dela, nenhum cristão que possa viver sem cruz.

É pela cruz que chegamos à ressurreição. É imprescindível que tenhamos esta verdade muito arraigada em nossas vidas. Não se trata de uma cruz para escondermos atrás de qualquer porta ou, muito menos ainda, para colocarmos nos ombros dos outros! É uma cruz muito nossa e que *nós* devemos carregar. É a cruz que Deus nos deu, como único caminho para chegarmos à ressurreição.

Há muitos tipos de cruzes. Algumas são de fabricação caseira, isto é, somos nós mesmos que as fabricamos. São feitas por nossos defeitos, nossas ambições e desejos imoderados, etc. Estas, evidentemente, temos que evitá-las todas. Mas existem outras que são permitidas por Deus para nossa santificação e que devemos partilhar, às vezes, com os outros para a santificação deles também. Podemos ajudar nossos irmãos a carregar as suas cruzes, assim como eles nos podem ajudar a carregar as nossas. .. Mas, em toda esta operação, a palavra chave é: "escondido". Nada de aparato externo e chamativo.

"Quando você der esmola," disse Cristo, "não se faça anunciar ao som de trombetas, à maneira dos

hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, a fim de serem homenageados pelos transeuntes". E ainda: "Quando você jejuar, passe bálsamo em seus cabelos e lave o rosto, de modo que as pessoas não percebam que você está je-juando, mas que o veja somente o Pai. E o Pai que vê até mesmo o que se passa no escondimento e em segredo, ele lhe dará a recompensa" (Mt 6,16-18).

O nosso próprio escondimento torna-se luz irradiante quando carregamos nossa cruz corajosamente, sem lamúrias e ainda estamos preparados para emprestar um lugarzinho no nosso ombro para as cruzes alheias. Aí, sim, tornamo-nos uma luz que dirige os passos de nosso irmão, porque somente assim nos tornamos uma imagem viva de Cristo... toda luminosa!

Tudo isto será possível se permanecermos unidos a Deus e aos homens; se não houver discórdias entre nós, se formos um só coração e uma só alma. Seremos, então, desta maneira, escondidos e ao mesmo tempo revelados, porque nossas obras, feitas no escondimento e na humildade, serão vistas por nossos irmãos e eles glorificarão o Pai que está no céu. Assim seremos homens e mulheres tais como devemos ser: homens e mulheres que rezam pela paz e são pacíficos; que rezam pela unidade e são unidos, que rezam pelo *sobornost* e são um *sobornost*.

15. OBSTÁCULOS A UNIÃO

Temos que enfrentar muitas dificuldades antes que a realidade de *sobornost*, antes que a plenitude da unidade se encarne no coração do homem moderno. Uma visão retrospectiva das nossas origens, comparada com a situação atual, vai mostrar-nos que quase nada mudou neste longo período de vários milhares de anos.

Quais os obstáculos à união? Tudo começou num jardim. Trata-se, provavelmente, de um jardim meramente simbólico, mas isso pouco importa; é um bom lugar para começar. Era um paraíso no qual Deus passeava e conversava com os homens. Estes ouviam a voz divina que lhes transmitia seus mandamentos, sempre com muita suavidade.

Deus ensinou-lhes muitas coisas, entre as quais os nomes dos animais, das flores e dos grãos da terra. Entregou-lhes a terra como um enorme e carinhoso presente para que eles amassem e cuidassem dela. Finalmente deu-lhes ordem de se multiplicarem. Permitiu-lhes comer de todos os frutos ao seu redor, exceto os de uma determinada árvore, porque sabia que este fruto os separaria do seu Criador, romperia o *sobornost*, a maravilhosa união que existia entre Deus e o homem.

Mas eles comeram o fruto proibido e desobedeceram à voz que conversava com eles enquanto passeavam no jardim. Foi este o momento da separação: quebrou-se a unidade, fragmentou-se o *sobornost*. Não, porém, sem esperança de restauração. No momento mesmo em que Deus os repreende e os

castiga, dá-lhes também esperança. Até mesmo na hora da partida para o exílio, quando deixam o paraíso para comer o pão "com o suor do seu rosto", o Pai se preocupa com seus filhos e ensina-lhes a fazer vestes que cubram a sua nudez e os proteja do frio. Mas a veste mais quente foi a esperança, a promessa de uma fé cuja luz, um dia, haveria de dispensar as trevas criadas pela desobediência.

Os teólogos falam desta desobediência como de uma ferida; uma ferida hereditária que vem sendo transmitida de pai a filho, até chegar aos nossos dias, a nós! É verdade que o redentor prometido, após a queda original, conseguiu curar esta ferida e fazê-la cicatrizar-se, através do remédio maravilhoso e potentíssimo de sua morte na cruz e de sua ressurreição; mas, infelizmente, certas conseqüências desta ferida ainda ficaram em cada um de nós. O organismo foi salvo, mas ficou debilitado. E nós continuamos a comer o fruto proibido!

É só lançar um olhar ao redor. Os ricos da terra roubam e retêm para si só, gulosamente, todos os frutos da terra. Arrancam-nos até da boca dos pobres. E não é só o fruto do pobre que os ricos roubam; é também seu pomar, por pequeno que seja; é sua terra, sua casa; é tudo o que lhe pertence.

Em todo o mundo de hoje, os homens estão comendo fruto proibido, enquanto outros não têm nem fruto proibido para comer. Em todo mundo atual os homens comem, hoje, o fruto da arrogância, do orgulho, da avareza... Nações ricas explorando

nações pobres, os poderosos e opulentos empurrando os pobres para o pó das estradas e pisando neles. Desta forma cresce a desunião e não se prega o evangelho total, que não pode pactuar com as injustiças e as crueldades ostentadas hoje, em todas as nações. De fato, tem-se a impressão de que o verdadeiro evangelho, o genuíno, é o que menos se prega, na hora presente. Os ricos o interpretam como lhes convém, defendendo seus próprios interesses, com especiosas racionalizações; os pobres têm tanta fome que não conseguem ouvi-lo. E meu espírito brada aos céus: "Senhor, dai pão a quem tem fome; dai fome de amor por vós a todos aqueles aos quais já sobra o pão!".

Portanto, o primeiro obstáculo à união é a desobediência. O segundo é o orgulho. Para alguns, a palavra mais adequada seria, talvez, arrogância, mas eu ainda prefiro "orgulho". Ele nasceu no dia em que os homens desejaram ser como Deus e construíram a Torre de Babel, no intuito de alcançar o céu. Nesse dia houve também uma grande ruptura do *sobornost*, da união, quando Deus confundiu as línguas da humanidade. Eles se dividiram ali, sem se entenderem mais uns aos outros. Deus podia ainda falar aos homens; eles, porém, já não podiam conversar entre si, exatamente como acontece no mundo dividido de hoje. *Sobornost*, unidade, exige que o homem ouça a palavra de Deus e, em seguida, transmita-a também a seus irmãos. O diálogo de Deus com os homens deve ecoar e continuar no diálogo dos homens entre si.

O orgulho humano deveria ter aprendido sua lição em Babel quando, depois de ter rompido a unidade dos homens, ele também foi esmagado no pó. Porém, antes mesmo do que se esperava, este orgulho levantou-se do chão e sacudiu o pó das vestes. Aprumou-se e de novo tomou seu lugar entre os homens. E está remoçado e vigoroso no meio de nós, enquanto a unidade, a união cristã se arrasta atrás, submissa, muito lá longe...

Os governos apregoam sua soberania. Mas, soberania, como se vê nos dias atuais, é egoísmo, orgulho e arrogância. É o desprezo dos outros, sobretudo dos mais fracos. É a rejeição do amor. É a recusa de partilhar o bem comum com o próximo, fechando-lhe o horizonte da fé e da esperança. Este é o orgulho luciferino que sacudiu o pó de seu esmagamento, em Babel, e anda entre nós, solene e empertigado, fazendo o homem adorar a si mesmo e se esquecer de Deus e de seus irmãos.

A famosa sabedoria, de que falamos, afastou-se do escabelo do trono de Deus, seu lugar apropriado, e vendeu-se a Satã, transformando-se em orgulho universal que mantém escravas inúmeras nações. Transformou-se em orgulho sentado em sacos de dinheiro. Outros sinônimos deste "orgulho-soberania" são: egoísmo, terror, tortura.

Tudo isto existe em nosso meio, atualmente, não somente como velha herança empoeirada da Babilônia, da Assíria e do Egito, mas também como legado mais recente, e ainda com cheiro de sangue, a nós deixado por Stalin, Hitler, Mussolini. Esse tipo de orgulho que pretende ser como Deus é a

morte de *sobornost*, a destruição da nossa unidade com Deus.

Realmente, como o homem é estúpido! Não consegue entender que, na expressão de Paulo Evdokimov, "se abolirmos a face de Deus, apagaremos também a face do homem".

Estes são os grandes obstáculos da união de Deus com os homens. Mas existe um outro muito comum, que vive em nosso meio. Tão comum que já nos acostumamos com ele, quase da mesma forma como nos habituamos a viver com camundongos e baratas.

Alguém pode estar pensando que se trata do comunismo ateu, que muitos consideram o maior obstáculo da unidade humana e cristã. Comunismo não é qualquer pedacinho de queijo para camundongos e baratas. Só tigres e leões podem enfrentá-lo e destruí-lo!

Talvez seja assim... Mas não é este o maior empecilho para a unidade dos cristãos. A dificuldade principal está dentro de nós! O verdadeiro obstáculo reside na mente de todos os cristãos *que não entenderam ainda ou se esqueceram do que significa ser batizado!*

Quantas vezes se encontram pessoas que empunham bandeiras de "cristianismo autêntico" e não fazem outra coisa senão destruir a unidade cristã. Fazem isso simplesmente racionalizando os ensinamentos de Cristo, escolhendo apenas certas partes do evangelho que, jeitosamente interpretadas, se encaixam muito bem na sua visão da vida e nos desejos dos seus corações. Não existe obediência

nestas pessoas: não é este o seu ponto forte. Esqueceram-se de que Cristo se fez obediente até a morte e morte de cruz.

O mais curioso, porém, é que estas pessoas que tanto gritam em prol da autenticidade, com uma pregação feroz, virulenta e agressiva, não encontram paz nem descanso na sua "autenticidade": são profundamente inquietas. A razão é simples: é porque seguem sua própria vontade e não a de Deus.

Todos os que seguem sua própria vontade isolam-se de Deus, do seu corpo místico e do seu povo. Vivem na solidão, presas das ilusões de suas próprias vontades e dos eternos sibilos de Satã, o tentador.

Sim, é este o maior obstáculo da união: quando a mente humana desafia a mente divina e recusa obediência e submissão. Com isto recusam também entrar na realidade de Deus, que é Jesus Cristo.

Tal situação é profundamente real, dolorosa e trágica. Ela está aí, de ponta a ponta, neste nosso século, nesta nossa década, desfraldada como uma imensa bandeira: o *homem adorando a si mesmo*. O homem gritando com toda a força da sua tecnologia: "Eu sou o dono do meu destino! Eu posso resolver todos os problemas da minha vida".

Alguns, talvez, ainda admitam que, em momentos de grandes dificuldades, em encruzilhadas muito angustiosas, poderão voltar-se para Deus e pedir-lhe conselho, quase de igual para igual. Outros simplesmente negam que existe um Deus. Outros, finalmente, ficam paralizados pelo medo, ante o

cenário moderno... Não têm coragem de estender as mãos para segurar a mão do outro a fim de, juntos, segurarem a grande mão paternal de Deus, o que significa unidade, *sobornost*, paz no meio de toda essa tempestade.

A divisão entre os homens é uma espécie de serrote nas mãos de Satã, separando os homens de Deus e até, quem sabe, cortando as mãos dos próprios homens.

É curioso como Satanás sabe torcer as palavras. Até o nosso Pequeno Mandato pode ser aproveitado por ele e transformado em tentação. É sua especialidade. Ele citou três vezes a Bíblia quando tentou Cristo no deserto. Ele distorce tudo o que vem de Deus. É sempre o velho tentador, a velha serpente que tentou Eva, nem mais nem menos do que com o conhecimento do bem e do mal, no paraíso.

Assim, igualmente, com respeito ao Pequeno Mandato, ele pode dizer-nos: "Você não precisa fazer grandes coisas. Ninguém exige que você seja um rebelde. Nada disso. Faça apenas um grupinho de duas ou três pessoas e comece uma bisbilhotice a respeito daquele padre, daquele superior ou superiora, daquela esposa, daquele marido, daquela secretária, daquela enfermeira, daqueles namorados... Sabe como é, não?... Uma fofquinha sem muita malícia, entende? Crie uma nevoazinha de desconfiança ao redor das pessoas. Não uma noite; apenas uma névoa; depois solte-a por aí. Depois ela se transformará em noite negra e fria. As névoas se arrastam sozinhas. Os rumores também. Dê só um empurrãozinho. Não é coisa muito grave...

Ninguém está pedindo grandes males de você: coisas pequenas! Só isso!".

Os comunistas conhecem muito bem esta técnica. Os romanos antigos já a conheciam também. Foi entre eles que surgiu a frase: *Divide et impera!* Divide as pessoas para melhor dominá-las! Os comunistas estão empregando esta tática em todas as nações, bem orientados pelo próprio Satanás.

Eis aí, amigo leitor, alguns dos grandes obstáculos para a concretização do *sobornost*, algumas dificuldades para a união dos cristãos.

São verdadeiras espadas de Dâmocles pendendo sobre nós, prestes a cair para cortar os laços que nos unem com Deus e que nos unem uns com os outros.

16. NÓS TEMOS UM PAI

"Quem me vê, vê meu Pai", disse Jesus Cristo. Mais tarde, ele prometeu aos seus discípulos que não os deixaria órfãos. Declarou também: "Quando vier o Consolador que eu enviarei, lá do Pai, o Espírito de verdade, que do Pai procede, ele dará testemunho de mim (Jo 15,26). Nestas palavras de Cristo, nós temos um vislumbre da Trindade. Seja embora um mero vislumbre, chega até nós como uma torrente de alegria; pelo menos assim deveria ser.

Olhe para sua vida cotidiana... Você que se sente solitário, abandonado, rejeitado; você que anda mendigando amor por todos os lados; você que tem a impressão de ser órfão e que talvez o seja mesmo: órfão de pais vivos; você que se considera alienado da sociedade e até de sua própria família... pare! Pare um pouco para meditar nas palavras de Cristo. Elas nos dizem que temos um pai! Que, vendo a ele, estamos vendo também o Pai!

Quando os apóstolos pediram a Jesus que lhes ensinasse a rezar, a primeira lição foi esta: Pai nosso que estás no céu...". Está escutando bem, amigo leitor? Está escutando com o coração? "Pai nosso que estás no céu..." Nós temos um pai. "Vocês receberam o espírito de adoção filial, pelo qual bradamos: '*Abba,*' que significa Pai." (Rm 8,15). Não somos escravos, disse o Apóstolo Paulo, um pouco antes destas palavras acima citadas, porque somos filhos adotivos de Deus. Não somos mais alienados, nem abandonados ou rejeitados, nem órfãos, simplesmente porque temos um pai. "Pai nosso que estás no céu!"

Este é o momento de rezar todo o Pai-Nosso, mas lentamente, saboreando cada palavra, degustando, internamente, a formidável alegria, a inenarrável beleza e maravilha de termos um pai que está no céu; um pai no qual reside todo o poder e toda a força, soberano senhor que ele é de todas as coisas. É este Deus infinito que Cristo afirmou ser *nosso pai*.

Mas, se temos um pai, temos também um grande irmão, que é o próprio Cristo. E estes dois, como são unidos; que maravilhoso *sobornost* existe entre eles; o Pai e o Filho! A tal ponto que vendo o Filho, estamos vendo o Pai. Cristo não se contentou em deixar-nos um retrato de seu Pai, um ancião de longas barbas brancas. Não! "Escutem," parece que o ouvimos dizer, "escutem vocês todos; mas escutem com o coração, escutem com ouvidos de alegria e escutem também com toda a sua tristeza humana: quem me vê, vê meu Pai!"

Destarte, temos um retrato concreto do Pai. Bem, é verdade que não vimos Cristo pessoalmente. *Nós* não o vimos; você e eu, mas outros o viram, outros que viveram com ele, que olharam para seu rosto, bem de perto, dentro dos olhos. Estes creram nele e souberam que na sua face estavam vendo a face do Pai, refletida nele.

Seria um jogo de dupla imagem? Claro que não, se bem que, de certo modo, poderia ser... Os mistérios da Trindade são tão profundos, que ninguém pode medi-los. Acho que a ícone (imagem) do Pai está refletida na ícone do Filho: o rosto do Pai no rosto do Filho. Estamos aqui em pleno mundo da fé, o mundo da Trindade. Entrar aí sem fé é confundir-se e perder-se totalmente. Diante de tal mistério, como

este da face do Pai no rosto do Filho, não vamos procurar entender e aprofundar, mas simplesmente vamos descansar a seus pés e deixar as palavras caírem bem no fundo de nossas almas, como pedrinhas descendo lentamente numa água profunda: "Quem me vê, vê meu Pai".

Na quietude do nosso descanso, recitemos a oração do Pai-Nosso, lentamente, consumindo nela não apenas alguns minutos ou algumas horas, mas dias inteiros: "Pai nosso que estás no céu!". Poderíamos passar um ano ou dois somente nestas palavras.

Aquiete suas mãos, cruzando-as dentro do coração, mais do que sobre o peito. Feche as asas da sua inteligência, sequiosa de voar em busca de novas verdades... Repouse... Então sim, uma boa porção do mistério da Trindade (todo ele, nunca) irá, aos poucos, se acendendo em seu coração. Sobretudo, você ficará sabendo que tem um pai que mudará toda a sua vida!

Você tem um pai que está no céu e um irmão que é Jesus Cristo que está na terra, que foi mandado ao mundo pelo Pai, a fim de salvá-lo, a fim de salvar-nos, pela sua morte na cruz. Feliz cruz esta, pela qual eu terei de passar se quiser também ressurgir com Cristo para sempre.

O Pai enviou-nos o Filho e ambos nos enviaram o Espírito Santo. Várias pessoas o viram, disfarçado em línguas de fogo e sob a forma de uma pomba, como está no evangelho. Por isso é que alguns russos, como eu já disse em várias partes, o chamam de "Pomba Vermelha"! Pomba vermelha do Deus de amor, porque Deus é amor.

Os apóstolos de Cristo devem ter ficado com muito medo, depois que seu mestre subiu aos céus, embora ele lhes houvesse prometido que não os deixaria órfãos.

Mas não o entenderam bem naquela ocasião, como em tantas outras. Exatamente como nós que, continuamente, estamos sem entender tanta coisa... Quantas vezes ele nos fala no íntimo do coração, e nós nos descartamos de suas palavras, porque não se coadunam com nossa inteligência moderna, fulgurante; porque não causam o mesmo sucesso estrepitoso da nossa estupenda tecnologia. Assim sendo, ou não as ouvindo ou, se o fazemos, fingimos que não escutamos. Os apóstolos eram homens simples: eles acreditaram.

Mas quem era este Advogado, este Paráclito, esta pessoa estranha que não os deixaria órfãos, depois da partida de Cristo? Sobre isto eles não entendiam ainda; por esta razão estavam encolhidos, arrepiados de medo, fechados dentro da sala do cenáculo, junto com Nossa Senhora. Tinham medo do sinédrio, dos fariseus, dos saduceus, dos romanos, dos judeus... de todo mundo. Felizmente, não se esqueceram de rezar. E foi exatamente enquanto estavam rezando, junto com Maria, Mãe de Cristo, lá naquela mesma sala do cenáculo, que o Espírito chegou. Foi o dia de Pentecostes, o dia em que ouviram o rumor daquele vento forte.

Já lhe ocorreu, leitor, que Deus, muitas vezes, veio como o vento a este mundo? Ele falou a Adão e Eva na brisa suave da tarde. Elias o esperava como um trovão e também como um vento brando. Se você prestar atenção, é assim também que ele virá a

você.

Mas, no dia de Pentecostes, não foi assim que o Espírito desceu. Foi um vento forte, uma rajada vigorosa que sacudiu todo o lugar, despertando medo, à primeira vista. Depois vieram as línguas de fogo que descansaram sobre a cabeça de cada um dos Apóstolos e de Nossa Senhora. Acabara de chegar o grande prometido, a terceira pessoa da Santíssima Trindade. Aqui, todo homem deveria curvar a fronte e até o corpo todo, em prostração total, porque este momento é santo. Deus desceu ao homem em línguas de fogo!

A palavra grega que o evangelho emprega para designar o Espírito Santo é *Paráclitos*, Paráclito, que, literalmente, quer dizer: *Chamado* para socorrer. Daí sua designação de Advogado, Consolador. Na Rússia esta última palavra é a mais usada.

Assim, então, nós temos: o Pai, o Filho e o Consolador. Que Trindade maravilhosa! Pense nisto você que se considera solitário, rejeitado e abandonado: você tem um pai, um irmão e um consolador. E, ao lado destes três você tem também uma mãe: Nossa Senhora da Santíssima Trindade!

Eu não entendo nada de mistérios, ignorante como sou, mas cruzei as minhas mãos dentro do coração e procurei escutar as vozes de Deus, sem querer entendê-las com a inteligência. E o Senhor me falou como tenho certeza de que falará também a você se fizer como eu fiz, descansando nele, dando-lhe oportunidade para revelar-se a você, para dizer-lhe não o que você deseja ouvir, e sim aquilo que ele

julgar bom comunicar-lhe.

Pouco antes, eu falei em Nossa Senhora da Santíssima Trindade. Sim, eu penso nela como estando no meio da Trindade Santa, ela que é Filha do Pai, Mãe do Filho e Esposa do Espírito Santo. Assim sendo, acho que ela deve estar no meio dos três.

Mas, afinal, todos nós estamos também "no meio" da Trindade, porque todos fomos batizados na morte e na ressurreição de Cristo. Os outros também, os não batizados, estão em Jesus Cristo, uma vez que ele morreu por *todos*: o hindu, o chinês, o africano... todos. Se nós pudéssemos ver o mundo através dos olhos de Deus, veríamos todos os povos, caminhando através da história, em direção a Jesus Cristo ressuscitado. Veríamos também o próprio Jesus Cristo, Senhor da História, abrindo os braços para acolher a todos, sem distinção de época, raça, credo ou cor, como fez o pai, na parábola do filho pródigo.

Falamos de *sobornost*, união, o tempo todo, neste meu livrinho; agora encontramos a plenitude de *sobornost*, a plenitude da unidade: Pai, Filho e Espírito Santo, unidos pelos laços de um amor que vai muito além de nossa compreensão. São tão unidos que são Três em Um e Um em Três. É daí, como de um solo misterioso e sagrado, que germina e cresce para nós toda e qualquer união.

Lembremo-nos, pois: Nós temos um pai... Pai nosso que estás no céu. Devemos estar unidos a ele, bem como ao nosso grande irmão, Jesus Cristo, que, com sua morte e ressurreição, nos tornou possível

sermos um com o Pai e com todos os nossos irmãos aqui embaixo. Unidos com a Trindade, nós nos unimos uns com os outros. As raízes desta união estão lá em cima, entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo; mas elas brotam aqui, entre nós, e formam uma espécie de jardim, o qual Deus espera que cultivemos com muito cuidado e carinho. E o Consolador é o Jardineiro deste jardim. A flor principal dos seus canteiros é *sobornost*, é a união, é a caridade.

Não deixemos morrer esta planta sagrada. Seria a maior de todas as desgraças se tal acontecesse, porque ela foi regada com o sangue de Deus e com a água sacrossanta do batismo, vertida sobre nós pelo Consolador.

Nós podemos, através da nossa liberdade, rejeitar o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Rejeitando o Filho, rejeitamos também o nosso grande irmão, uma vez que, com ele, chamamos a Deus de Nosso Pai e isto irá causar muitas lágrimas a Maria, mãe de Cristo e nossa mãe.

Mas, nós, que cremos nele, que o seguimos, que fomos batizados nele, não o rejeitaremos nunca; muito ao contrário, refletiremos sua face em nossa face humana e, desta forma, estaremos refletindo também a face do Pai, enquanto seguimos os caminhos de Cristo, iluminados e consolados pelo Espírito, segurando as mãos maternais de Maria Santíssima.

Isto é *sobornost*, a plenitude da união!

Livros por Catarina de Hueck Doherty
em português

Disponíveis somente no Internet:

Alma da Minha Vida
O Evangelho sem Restrições
O Silêncio de Deus
União na Fraternidade

Disponíveis no Internet e também impressos:

Deserto Vivo (Poustinia)
Em Parábolas

Para comprar livros impressos, escrever para:

Madonna House Publications
2888 Dafoe Rd. RR2
Combermere, Ontário, K0J 1L0
Canadá

português@madonnahouse.org

Biografia de Catarina de Hueck Doherty
por Héber Salvador de Lima, S.J.

Apresento-Ihes a Baronesa

Para comprar, escrever para:

Madonna House Publications
2888 Dafoe Rd. RR2
Combermere, Ontário, K0J 1L0
Canadá